



UNIVERSIDADE D  
COIMBRA



João Pimentel Maia

**BIBLIOTECA DE TRADUÇÃO DOS SERVIÇOS DE  
BIBLIOTECA E DOCUMENTAÇÃO DA FACULDADE  
DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA:  
TRABALHO DE PROJETO**

Trabalho de Projeto do Mestrado em Ciência da Informação, orientado pela Professora Doutora Maria Cristina Vieira de Freitas e coorientado pela Mestre Carla Ferreira, apresentado ao Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

27 de Outubro de 2020

# FACULDADE DE LETRAS

## BIBLIOTECA DE TRADUÇÃO DOS SERVIÇOS DE BIBLIOTECA E DOCUMENTAÇÃO DA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA: TRABALHO DE PROJETO

### Ficha Técnica

<b>Tipo de trabalho</b>	<b>Trabalho de Projeto</b>
<b>Título</b>	<b>Biblioteca de Tradução dos Serviços de Biblioteca e Documentação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra</b>
<b>Subtítulo</b>	Trabalho de Projeto
<b>Autor/a</b>	João Pimentel Maia
<b>Orientador/a(s)</b>	Maria Cristina Vieira de Freitas Carla Alexandra Silva Ferreira
<b>Júri</b>	<b>Presidente: Doutora Maria Manuel Lopes de Figueiredo Costa Marques Borges</b> <b>Vogais:</b> <b>1. Doutora Maria Cristina Vieira de Freitas</b> <b>2. Doutor António Fernando Tavares Lopes</b>
<b>Identificação do Curso</b>	<b>2º Ciclo em Ciência da Informação</b>
<b>Área científica</b>	<b>Ciência da Informação</b>
<b>Data da defesa</b>	<b>15-12-2020</b>
<b>Classificação</b>	<b>16 valores</b>





## **Agradecimentos**

Agradeço aos meus pais, irmãos (Manel, Zé, Inês e Maroca) e à minha Avó Helena, que em todas as situações me ajudaram a crescer enquanto pessoa e, claro, enquanto futuro profissional da informação.

Agradeço aos meus professores do curso de Ciência da Informação, que, sem saberem, conseguiram tornar-me uma pessoa mais culta para que, no futuro, consiga colocar em prática o conhecimento que levo deste curso de Ciência da Informação (Arquivística e Biblioteconómica).

À Doutora Maria Cristina Freitas, pela excelente orientação e por me encorajar a saber mais e a ser uma pessoa melhor.

Agradeço aos meus colegas de curso: foi um prazer trabalhar e conviver com eles em grupo.

Agradeço também à Mestre Carla Ferreira, que me ensinou a praticar a profissão de bibliotecário, ensinando a utilizar outra tipologia de ferramentas que, até então, desconhecia.

Se não fossem estas pessoas fantásticas, eu não saberia que tinha tirado o curso certo e que farei o que realmente gosto: ser Bibliotecário para o resto da minha vida profissional.

Muito obrigado a todos os que fizeram parte deste longo percurso académico.

Dedico este trabalho à minha amiga e Professora, Doutora Maria da Graça de Melo Simões. Não só pela excelente pessoa que é, como também, uma grande professora que eu admiro numa das matérias que eu mais gosto, biblioteconomia e classificação em particular.

*“Classificar assume-se como um acto imprescindível à organização do universo.”*

Maria da Graça de Melo Simões

## **Resumo**

### **Biblioteca de Tradução dos Serviços de Biblioteca e Documentação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra: trabalho de projeto**

Este estudo procura dar a conhecer os processos envolvidos no trabalho de projeto realizado nos Serviços de Biblioteca e Documentação da Faculdade de Letra da Universidade de Coimbra (de agora em diante, SBD-FLUC), no âmbito do Mestrado de Ciência da Informação. O objetivo principal consiste em apresentar a parte teórica e prática do exercício de um profissional de informação, mais concretamente, de um bibliotecário, bem como apresentar os serviços disponibilizados por esta biblioteca aos seus utilizadores.

Tem como particularidade apresentar uma dupla visão: a do serviço prestado pelos profissionais aos utilizadores e a visão como utilizador dos SBD-FLUC. Para este trabalho, apoiámo-nos nos ensinamentos teóricos aprendidos na Licenciatura e no Mestrado em Ciência da Informação, bem como nas atividades que desenvolvemos no trabalho de projeto realizado nos SBD-FLUC.

Na parte teórica deste trabalho apresentamos um dos instrumentos de classificação, mais em específico, a Classificação Decimal Universal, descrevendo os seus conteúdos, tais como estrutura, sinais/signos, auxiliares comuns gerais e tabelas principais. Apresentamos, ainda, outros Sistemas de Classificação e os tipos de Linguagem Documental como pontos que iremos descrever na parte teórica deste trabalho projeto.

A parte prática é a explicação das atividades desenvolvidas nos SBD-FLUC, em que trabalhámos com um Software de catalogação, o Millennium — a principal ferramenta utilizada nas bibliotecas da Universidade de Coimbra —, e com os instrumentos de classificação como as duas versões da CDU (1990 e 2005). E sobretudo, a introdução da cota com base na Tabela Pha um instrumento que complementa a notação atribuída a um exemplar, tornando-o assim ainda mais específico em relação ao assunto, para que a arrumação seja mais exata.

Os principais resultados obtidos com este trabalho projeto foram, numa perspetiva pessoal, bastante satisfatórios, pois toda a aprendizagem quer prática quer teórica resultou numa melhor consolidação dos conteúdos já anteriormente estudados. A revisão dos conteúdos teóricos relativos aos Sistemas de Classificação, como a Classificação Decimal Universal, são exemplos de como toda a parte teórica foi importante neste trabalho projeto. O resultado foi a arrumação, por assunto das obras da sala da Biblioteca de Tradução (mais de 1000) com base na notação

do registo bibliográficos, nas orientações de arrumação definidas e na Tabela Pha. Também foi verificada a classificação de cada obra e, sendo necessário, corrigida ou introduzida de novo.

O trabalho projeto foi concluído tendo sido atingido os seus objetivos.

Palavras-chave:

Bibliotecas; Serviços de Biblioteca e Documentação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra; Classificação Decimal Universal; Tabela Pha; Ciência da Informação.

## **Abstract**

### **Translation Library of the Library and Documentation Services of the Faculty of Arts and Humanities of the University of Coimbra: project work**

In this project, we seek to describe the *project work* we participated in promoted by the Library and Information Services of Faculty of Arts and Humanities of University of Coimbra for the Master's Degree in Information Science. With this in mind, the aim of this thesis is to present both the theoretical and practical aspects of the role of an Information Science professional, specifically a librarian, as well as all the services provided by this library for the users.

It sets itself apart by having two perspectives: that of the work done by a professional for the users and the one of the users of the Faculty of Arts and Humanities Library. I based this thesis in the theoretical knowledge I accumulated throughout the course, as well as the practical work we performed in the internship.

In the theoretical part, we explain the Universal Decimal Classification, emphasizing its structure, signs, common auxiliaries, and main tables. The Classification Systems, the Bibliographic Classification, the ISBD norm and Documental Language are some of the topics we will cover.

The practical segment of this *project work* is the explanation of the activities performed in SBD-FLUC, in which we worked with a cataloguing Software called Millennium — the main tool used in the Libraries of the University of Coimbra —, and with classification tools, such as the two versions of CDU (1990 and 2005). This part of the project work further revolved around the introduction the use of shelf mark (“cotas”) based on the *Pha* Table — a tool that completes the notation assigned to a monograph, making it even more specific in regard to the subject, for a more accurate shelving.

From a personal point of view, the main results obtained from this *project work* were rather satisfactory, being that all the learning both practical and theoretical resulted in consolidation of the subjects previously studied. The review of the theoretical contents related to the Classification Systems, such as the CDU, are examples of how the theoretical component was important in this *project work*. This resulted in the shelving, by subject, of the monographs of the Translate Library Room (over 1000), using the notation of the bibliographical record, the

shelving guidelines and the *Pha* Table. Furthermore, the classification of each monograph was checked and corrected or reintroduced, if deemed necessary.

The *project work* was concluded, with every goal being accomplished.

Keywords:

Libraries; Library and Documentation Services of the Faculty of Arts and Humanities of the University of Coimbra; Universal Decimal Classification; “Pha” Table; Information Science.

## Sumário

<b>Introdução.....</b>	<b>1</b>
<b>I Parte Teórica .....</b>	<b>5</b>
<b>1- Os sistemas de classificação bibliográfica: uma abordagem introdutória.....</b>	<b>6</b>
<b>1.1- Linguagens documentais: conceito, objetivos e funções.....</b>	<b>6</b>
<b>1.2 - As classificações bibliográficas: definição, características e tipologia.....</b>	<b>7</b>
1.2.1- Classificação da Biblioteca do Congresso.....	9
1.2.2- Classificação Decimal de Dewey .....	10
1.2.3- Classificação de Colon.....	11
1.2.4- Classificação de Bliss.....	12
1.2.5- A Classificação de Cutter.....	12
<b>2- A Classificação Decimal Universal.....</b>	<b>14</b>
<b>2.1- Caracterização da CDU .....</b>	<b>14</b>
<b>2.2- A Estrutura da CDU.....</b>	<b>20</b>
2.2.1 Índice.....	20
2.2.2 Notação.....	20
<b>2.3 - Tabelas Principais.....</b>	<b>21</b>
2.3.1 Estrutura e Conteúdo .....	21
2.3.2- Características das Tabelas principais da CDU.....	23
<b>2.4- Tabelas Auxiliares .....</b>	<b>24</b>
2.4.1- Sinais/Signos.....	24
2.4.2- Auxiliares Comuns Gerais .....	27
2.4.3- A ordem dos elementos da notação.....	31
<b>2.5- Notas sobre a arrumação física e a classificação por centros de interesse.....</b>	<b>32</b>
<b>2.6- Arrumação intelectual e arrumação física .....</b>	<b>33</b>
2.6.1- Exemplos de Bibliotecas que usam outras classificações para atribuir cotas.....	36
<b>2.7- Tabela PHA .....</b>	<b>37</b>
<b>II Parte Prática.....</b>	<b>41</b>
<b>3- Biblioteca de Tradução dos SBD-FLUC por assunto.....</b>	<b>42</b>
<b>3.1- SBD-FLUC: Missão e Caracterização.....</b>	<b>42</b>
3.1.1- Caracterização genérica da Biblioteca de Tradução.....	43
3.1.2- Uniformização das notações .....	43
<b>3.2- Acesso ao registo bibliográfico .....</b>	<b>44</b>
<b>3.3- Registo Bibliográfico.....</b>	<b>44</b>
<b>3.4- Edição dos campos de classificação no registo bibliográfico.....</b>	<b>48</b>
<b>3.5- Campos preenchidos.....</b>	<b>49</b>

<b>4. Os processos de atribuição das cotas .....</b>	<b>52</b>
<b>4.1- Instrumentos utilizados (CDU de 1990 e de 2005 e a Tabela PHA) .....</b>	<b>52</b>
<b>4.2- Como foi criada a cota .....</b>	<b>52</b>
<b>4.3- Atribuição da cota no registo bibliográfico .....</b>	<b>55</b>
<b>4.4- Inversão dos auxiliares na cota .....</b>	<b>58</b>
<b>4.5- A arrumação dos documentos com a mesma CDU em livre acesso .....</b>	<b>59</b>
<b>4.6- Regras para a arrumação dos documentos na sala.....</b>	<b>60</b>
<b>4.7- CDU: edições utilizadas e fundamento.....</b>	<b>61</b>
<b><i>Dificuldades sentidas .....</i></b>	<b>62</b>
<b><i>Conclusão .....</i></b>	<b>64</b>
<b><i>Referências Bibliográficas .....</i></b>	<b>67</b>

## **Lista de Abreviaturas**

**CDD-** Classificação Decimal de Dewey;

**CDU-** Classificação Decimal Universal;

**FLUC-** Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

**IFLA-** International Federation of Library Association and Institutions;

**ISBD-** International Standard Book Description;

**ISBN-** International Standard Book Number;

**ISO-** International Standard Organization;

**ISSN-** International Standard Serial Number;

**MARC-** Machine Readable Cataloging;

**OPAC-** Online Public Access Cataloging;

**SBD-FLUC-** Serviços de Biblioteca e Documentação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra;

**SIBUC-** Serviço Integrado de Bibliotecas da Universidade de Coimbra

## **Lista de Quadros**

Quadro 1 - Identificação dos aspetos positivos e negativos da CDU

Quadro 2 - Notação da CDU: exemplo

Quadro 3- Tabelas Principais da CDU

Quadro 4 - Tabela explicativa do número decimal correspondente à notação

## **Lista de Figuras**

Figura 1 - Comparação da CDU com a Cota Classificada por cada Biblioteca

Figura 2 - Exemplos da Tabela

Figura 3 - Login do Software Millennium

Figura 4 - A descrição dos campos de um registo

Figura 5 - Edição dos campos: registo bibliográfico

Figura 6 - Funções de edição de um documento: registo de exemplar

Figura 7 - Preenchimento dos campos de empréstimo: registo de exemplar

Figura 8 - Exemplo de um carimbo num livro da Biblioteca de Ciência da Informação da FLUC

Figura 9 – Exemplo de uma cota já existente, quando se valida o cabeçalho da cota exemplar descrito

Figura 10 - Etiqueta da cota de um exemplar com a CDU e a Tabela Pha

## Introdução

As classificações bibliográficas são os principais instrumentos para a organização do conhecimento, quer seja na organização física, quer seja na organização lógica dos catálogos. Porque estes instrumentos permitem a organização da informação numa biblioteca, para que quando se arrumam os livros nas estantes, estes tenham uma ordenação lógica e sistemática e também para que seja mais fácil e eficaz para o utilizador encontrar determinado documento, sem que tenha de procurar em todas as estantes da biblioteca. Estes instrumentos servem para que o utilizador consiga chegar ao documento que pretende, dentro da biblioteca (Simões, 2011, p. 144).

A Classificação Decimal Universal assume-se como um instrumento fundamental para a classificação de documentos. A vantagem do uso deste tipo de classificação relativamente a quaisquer outros sistemas prende-se com o facto de este ser um sistema de classificação misto, que o torna capaz de classificar qualquer assunto. Dada a sua função relevante e imprescindível na organização e recuperação do conhecimento, conseguimos entender a sua capacidade no que respeita à representação de conceitos, assim como a sua capacidade de representação de assuntos. Considera-se que as classificações bibliográficas são a estrutura de organização do conhecimento que mais contribui para a organização física e lógica, tendo assim uma dupla função na organização do conhecimento (Gil Urdiciain, 2004, p. 121-122).

O trabalho de projeto que aqui apresentamos tem a particularidade de assentar em duas partes distintas, porém que se complementam: uma contextualização do objeto de estudo, as classificações bibliográficas, com um foco maior na Classificação Decimal Universal, sendo a segunda parte deste trabalho a parte prática. Passamos, de seguida, a expor os interesses que nos levaram a optar por este tema como objeto de estudo e também o interesse que este trabalho de projeto terá para outros trabalhos da mesma natureza.

Como parte teórica deste trabalho de projeto escolhemos dar mais relevância às classificações bibliográficas e, mais concretamente, à Classificação Decimal Universal. Tal como referimos anteriormente, as classificações, dada a sua natureza e características, apresentam-se como os principais instrumentos de organização do conhecimento.

As razões que nos levaram a utilizar a Classificação Decimal Universal como instrumento de estudo nesta parte teórica devem-se ao facto de ser o instrumento de Classificação mais utilizado no nosso país, dado que é o sistema de classificação utilizado pela Biblioteca Nacional. É também um dos sistemas mais utilizados nas bibliotecas universitárias, nacionais e públicas do mundo ocidental, entre outros fatores, devido ao facto de ser um sistema de tipo enciclopédico.

No que respeita às razões de ordem prática, este trabalho resultou do projeto que realizámos nos SBD-FLUC, onde conseguimos aplicar muita da teoria aprendida na Licenciatura e no Mestrado de Ciência da Informação. Como parte prática deste trabalho de projeto, a apresentação dos pontos será integralmente a descrição de todo o projeto, tal como a explicação teórica sobre o funcionamento dos instrumentos de classificação e do Millennium - software usado para a gestão integrada das operações da Universidade de Coimbra.

Relativamente às motivações pessoais, resultam do facto de que sempre nos suscitou interesse o estudo do funcionamento das bibliotecas. Bibliotecas essas que são o ponto de referência quando procuramos informação sobre um determinado assunto, em que a resposta irá ser: “procura na Biblioteca”. Procurar informação tanto pode respeitar à que se encontra arrumada numa estante, como num catálogo impresso ou, nos dias de hoje, num catálogo online.

Este estudo explica os principais aspetos relacionados à parte teórica e à parte prática do trabalho projeto que realizamos nos SBD-FLUC.

O trabalho está assim estruturado:

Uma parte teórica, descrita e explicada nos capítulos 1 e 2;

Uma parte prática, descrita e explicada nos capítulos 3 e 4.

No ponto 1.1, mencionamos, sumariamente, o que são os Sistemas de Classificação Bibliográfica.

No ponto 1.2, contextualizamos de uma forma breve as principais Classificações Bibliográficas existentes: Classificação da Biblioteca do Congresso, Classificação Decimal de Dewey, Classificação de Colon, Classificação de Bliss e a Classificação de Cutter.

No capítulo 2, damos uma explicação detalhada do Sistema de Classificação Decimal Universal, onde se inclui a caracterização da CDU (ponto 2.1) e uma identificação dos aspetos positivos e negativos da CDU. Apresentamos no ponto 2.2 a estrutura da CDU como o índice e a notação. No ponto 2.3, explicamos de uma forma detalhada a composição das Tabelas Principais, tal como no ponto 2.4 a explicação é dada para as Tabelas Auxiliares da CDU. O ponto 2.5 apresenta notas sobre a arrumação física dos documentos e a classificação por centros de interesse, explicando como é feita a arrumação física das obras dependendo dos utilizadores pelo seu interesse. No ponto 2.6, a arrumação intelectual e arrumação física são explicadas tendo em conta que ambas as arrumações são fundamentais, apresentando-se neste capítulo a diferença entre ambas.

No capítulo 3, que já pertencente à parte prática, descrevemos o funcionamento da Biblioteca de Tradução dos SBD-FLUC e, no ponto seguinte (ponto 3.1), apresentamos a caracterização e a missão dos SBD-FLUC. No ponto 3.2, apresentamos a forma de aceder ao registo bibliográfico que utilizamos no trabalho de projeto realizado nos SBD-FLUC. No ponto 3.3, apresentamos a informação relativa ao registo bibliográfico utilizado para classificar as obras. Por último, no ponto 3.4, retratamos os processos realizados na edição dos campos de classificação no registo bibliográfico.

O capítulo 4 apresenta de uma forma explicada todo o processo de atribuição das cotas num registo bibliográfico. Os Instrumentos utilizados para elaborar as cotas como as edições da CDU de 1990 e de 2005 e a Tabela Pha são apresentados no ponto 4.1. No ponto 4.2, explicamos o que é uma cota e como esta foi criada no registo bibliográfico, dando alguns exemplos. A atribuição da cota no registo bibliográfico inclui a inserção da notação da CDU e o código da Tabela Pha, neste ponto (4.3), a explicação será mais aprofundada tendo em vista que contém exemplos e figuras para dar a entender melhor a junção da notação da CDU e do código da Tabela Pha para, assim, chegarmos à cota no registo bibliográfico. A ordem do Auxiliar de Forma (ponto 4.4) é invertida quando se trata de obras de referência para permitir a arrumação por tipo de documento (enciclopédia, dicionário, manual, etc.).

A arrumação dos documentos com a mesma CDU em livre acesso será explicada no ponto 4.5, sendo esta uma explicação sobre como devem ser arrumadas na estante as obras com a mesma CDU. A arrumação das obras em livre acesso é alfanumérica: através da ferramenta, Tabela

Pha e da CDU, como iremos explicar mais em pormenor no decorrer deste capítulo. As regras para a arrumação dos documentos na sala de tradução são explicadas no ponto 4.6.

No ponto 4.7, apresentamos as edições da CDU utilizadas para classificar as obras nos SBD-FLUC, explicando o porquê da utilização de cada uma delas. Já o ponto 4.8 explica o que é a Tabela Pha, em que consiste a sua utilização, onde enumeramos vários exemplos de como a Tabela Pha é usada na classificação das obras.

Por último, apresentamos todas as dificuldades sentidas ao longo do trabalho projeto realizado nos SBD-FLUC.

A metodologia usada neste trabalho foi realizada com maior incidência numa pesquisa bibliográfica sobre os temas abordados ao longo deste trabalho projeto, para além da realização de um projeto de intervenção, realizado nos SBD-FLUC, onde tivemos a oportunidade de perceber a realidade do exercício profissional numa biblioteca especializada.

# I Parte Teórica

## **1- Os sistemas de classificação bibliográfica: uma abordagem introdutória**

### **1.1- Linguagens documentais: conceito, objetivos e funções**

A linguagem documental é uma parte fundamental do processo técnico de classificação, que analisa o conteúdo dos documentos e debruça-se sobre dois pontos fundamentais:

- a) A análise do conteúdo (Indexação);
- b) A classificação (Wanderley, 1973).

A linguagem documental é objeto de estudo da linguística documental e utiliza os termos e o vocabulário utilizado, na linguagem natural, servindo-se destes para representar o conhecimento existente. Esta ferramenta ajuda a saber qual a notação mais adequada a utilizar para a representação de um determinado assunto. (Gil Urdiciain, 2004, p. 18).

A linguagem documental serve, sobretudo, para auxílio no trabalho de tratamento da informação desenvolvido na área da Biblioteconomia e da Documentação.

O uso de linguagem documental auxilia na escolha dos termos mais corretos a utilizar na classificação de um determinado documento, para tornar mais fácil a sua recuperação, no momento da pesquisa e/ou consulta, no catálogo bibliográfico. Esta linguagem utiliza termos da linguagem natural, mas a linguagem documental serve-se da linguagem natural para criar símbolos próprios, que são utilizados na representação de um documento. A este tipo de representação chama-se metalinguagem, ou seja, linguagem criada sobre outra linguagem pré existente. Este é o caso dos sistemas de classificação. (Gil Urdiciain, 2004, p. 21-22).

Segundo Martins (2014), os objetivos da linguagem documental são:

- a) Facilitar a recuperação da documentação;
- b) Reduzir o tempo despendido pelo utilizador na procura de informação;
- c) Normalizar e cumprir com os objetivos fundamentais do processo de recuperação dessa mesma informação, ao facilitar o acesso à documentação a partir da pesquisa feita pelo utilizador, seja de que forma for: Autor, Título, Assunto.

Como a linguagem documental não utiliza demasiados termos, consegue fornecer a mesma informação ao utilizador, mas de uma forma mais rápida e eficaz do que a linguagem natural. Por este motivo, a linguagem documental é mais sintética e de melhor compreensão do que a linguagem natural e humana. A linguagem documental é um importante fator para uma

arrumação simples e eficaz da informação nas bibliotecas e nos arquivos. Resolve problemas como o multilinguismo, pois ao tratar dos assuntos através de uma linguagem controlada, a informação chega com mais facilidade a todo o tipo de utilizadores, visto que não existem barreiras neste tipo de linguagens. (Martins, 2014, p. 68).

Quando se elabora uma linguagem documental, deve-se ter em atenção a questão da ambiguidade, pois muitos dos assuntos expressos nos documentos em linguagem natural podem ter palavras sinónimas e esse fator dificulta a sua tradução para uma linguagem controlada. Se existem dois documentos catalogados com a mesma classificação, o que acontece é que o utilizador não irá encontrar diretamente um só documento com o assunto por este pretendido, mas, sim, mais do que um.

Por isso, a linguagem documental tem que eliminar os termos ambíguos existentes na linguagem natural, para que a perceção do assunto, por parte do utilizador, não seja prejudicada e para que a mesma seja lida e compreendida pelo utilizador, sem a barreira do multilinguismo. (Martins, 2014, p. 187).

A Linguagem documental pode ser de dois tipos:

Linguagens livres, linguagens que não têm nenhuma criação com base numa lista existente para a sua criação, ou seja, são criadas através de conceitos não controlados;

Linguagens controladas, linguagens criadas a partir de uma lista de encabeçamento de matérias e através de conceitos previamente estudados para a sua criação. Por exemplo: Classificações bibliográficas, tesouros e listas de encabeçamento de matérias.

## **1.2 - As classificações bibliográficas: definição, características e tipologia**

As classificações, objeto com que trabalhámos no âmbito do nosso projeto, são linguagens documentais.

A classificação do conhecimento já era visível antes de haver classificações editadas por pensadores. Ou seja, o Homem na Antiguidade já classificava objetos à medida que os ia descobrindo e nomeando, por isso é que os sistemas de classificação são um conjunto de signos artificiais, uma vez que o Homem se encarregou de os nomear e classificar. (Simões, 2011, p. 31).

A sociedade classifica todos os objetos, mesmo sem dar por isso. Ou seja, os Seres Humanos classificam, normalmente, quando organizam esses mesmos objetos por áreas, sem nenhuma razão aparente. Por exemplo: organizar roupas por cores, por estações do ano, separação de talheres, entre outras tarefas do dia-a-dia. (Esteban Navarro, 1995, p. 86).

Segundo Piedade (1983), um Sistema de Classificação Bibliográfica é um sistema pré-coordenado, uma linguagem de indexação artificial, variando quanto à sua especificidade.

Um sistema de classificação bibliográfica é um conjunto de conceitos que se relacionam entre si e que têm uma determinada estrutura, a qual é composta por conceitos gerais, aos quais se relacionam outros conceitos, mais específicos do que os anteriores. Estes conceitos têm uma relação de subordinação hierárquica, ou seja, um tema particular não pode ser representado sem representar o tema mais geral em primeiro lugar na sua notação. (Simões, 2011, p. 143).

A função principal de um sistema de classificação é a de organizar informação para que, no final, esta possa ser recuperada pelo/a utilizador/a.

Assim, as classificações bibliográficas possuem três funções principais:

1. Organização de conceitos, das ideias e dos sujeitos (função cognitiva);
2. Organização da representação documental (função bibliográfica);
3. Organização dos documentos (função biblioteconómica). (Simões, 2011, p. 144).

A primeira função tem como objetivo a organização dos assuntos que foram previamente extraídos do documento, para a criação de um tema geral, que incluem outros documentos que tratem do mesmo tema. A segunda função tem a ver com a representação dos documentos, a partir dos assuntos representados pela classificação. A terceira e última função tem a ver com a arrumação dos documentos nas prateleiras de uma biblioteca. A maior parte das classificações bibliográficas foi concebida para organizar o conhecimento em sistemas temáticos. As classificações bibliográficas, regra geral, foram criadas para que a terceira função fosse bem-sucedida, ou seja, para que se consiga responder a uma grande necessidade, que é a de organizar o conhecimento. (Simões, 2011, p. 145).

Desse modo, um sistema de classificação bibliográfica é um esquema controlado e estruturado de conceitos, distribuídos sistematicamente de forma lógica em classes, organizados do geral para o particular, em níveis de subordinação hierárquica. (Simões, 2011, p. 145). Todos os

sistemas de classificação bibliográfica têm por base uma estrutura pré-definida, de forma lógica, permitindo a recuperação eficaz da informação.

“Um índice é uma ferramenta documental integrada por terminações alfabéticas, cujo objetivo é indicar os termos e as notações correspondentes ao seu termo vocabular. A finalidade destas notações é dar acesso aos temas, términos e nomes, que aparecem nos documentos para serem localizados e encontrar a informação desejada.” (Moreno Fernández & Borgoños Martínez, 2002, p. 150).

Por sua vez, “uma notação é um termo de indexação controlado, porque permite que a informação seja recuperada por parte de um indivíduo. Esta é um código atribuído a um documento em específico para diferenciar a sua localização dentro de uma biblioteca e serve, também, para que o utilizador consiga recuperar essa informação de uma forma imediata.” (Martins, 2014, p. 153).

A coordenação nos sistemas de classificação é entendida como uma operação que consiste em estabelecer uma ou mais relações entre conceitos. Relativamente a este assunto, geralmente, as classificações são linguagens pré-coordenadas, ou seja, para cada classe existe um termo vocabular correspondente e predeterminado pelo sistema. Na CDU, por exemplo ao termo vocabular Ciências Naturais e Aplicadas está pré-estabelecido que a classe que o identifica na CDU é a classe 5.

Quanto aos tipos de sistemas de classificação bibliográfica, os principais são os que apresentamos nos subpontos seguintes (do subponto 1.2.1 ao 1.2.5).

### **1.2.1- Classificação da Biblioteca do Congresso**

Com o crescimento das coleções nas bibliotecas, começaram a surgir os sistemas de classificação.

O sistema de classificação da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos da América foi criado nos finais do século XIX, quando os seus volumes ascendiam a um milhão de exemplares, sendo que era necessário organizar toda a sua coleção. Para resolver esta questão foi elaborado um sistema capaz de gerir todo o arquivo de obras existentes na Biblioteca do Congresso. A Classificação da Biblioteca do Congresso apresenta um esquema hierárquico enumerativo. Este sistema é composto por tabelas com classes principais, cada uma delas

corresponde a um ramo de disciplinais fundamentais como Educação, Música, entre outras, que se representam por meio de letras Maiúsculas, por regra. (Gil Urdiciain, 2004, p. 85).

Este sistema de classificação não tem, como a CDU ou a CDD, uma ordem específica para classificar um documento. Obedece apenas e só ao formato e dimensões da obra e não apenas ao assunto que a obra trata. Por este motivo, é diferente das restantes classificações. Nesta Classificação apenas se classificam obras pelo assunto geral e por letras. A classificação da Biblioteca do Congresso é feita da seguinte forma: Letra correspondente nas Classes principais e as subdivisões são introduzidas por palavras e/ou códigos. (Gil Urdiciain, 2004, p. 96).

Por exemplo:

Classe L - Educação

Subclasse L - Educação (Geral)

Subclasse LA - História da educação

Subclasse LB - Teoria e prática da educação

Subclasse LC - Aspectos especiais de educação

Subclasse LD - Instituições individuais - Estados Unidos

Subclasse LE - Instituições individuais - América (exceto Estados Unidos)

Subclasse LF - Instituições individuais - Europa

Subclasse LG - Instituições individuais - Ásia , África , Ilhas do Oceano Índico, Austrália , Nova Zelândia , Ilhas do Pacífico

Subclasse LH - Faculdade e revistas e jornais

Subclasse LJ - Estudante fraternidades e sociedades , Estados Unidos

Subclasse LT - Livros didáticos. (Gil Urdiciain, 2004).

### **1.2.2- Classificação Decimal de Dewey**

A Classificação Decimal de Dewey foi criada por Melvil Dewey (1851-1931) e publicada em 1876. Atualmente é o sistema de classificação bibliográfica mais utilizado em todo o mundo, tendo passado, desde a sua criação até ao presente, por várias edições. Só na sua 16.<sup>a</sup> edição é que passa a ser chamada de Classificação Decimal de Dewey, pois nas edições anteriores tinha vindo sempre a mudar de nome. A edição de 2011 é a mais atual, que corresponde à 23.<sup>a</sup> edição. (Simões, 2011, p. 158-159).

Melvil Dewey baseou-se no sistema de classificação de livros de William Torrey Harris, acrescentando-lhe uma outra classe, a classe 0, que passou a integrar as generalidades na nova classificação. A Classificação Decimal de Dewey organiza todo o conhecimento em dez classes principais, que vão desde o 000 (Generalidades) ao 900 (História e Geografia); a segunda divisão é feita no campo do decimal 000 (Ciência da computação, conhecimento e sistemas) ao 990 (História e outras áreas) e, por fim, uma terceira divisão feita no campo dos milhares que vai do 000 (Ciência da computação, informação e obras gerais) ao 099 (Livros notáveis para o formato). Esta classificação não só hierarquiza as temáticas existentes, como também facilita a junção de todos os assuntos, pois este tipo de classificação é uma classificação numérica e facetada. (Simões, 2011, p.164-165).

“Henri de La Fontaine e Paul Otlet optaram pela Classificação Decimal de Dewey, pois esta classificação tinha como principais pilares:

- 1- O conhecimento humano ser organizado em taxonomias;
- 2- A notação ser constituída, apenas por algarismos árabes;
- 3- O princípio decimal subjacente à sua estrutura. (Simões, Rodriguez-Bravo & Ferreira, 2018, p. 17).

### **1.2.3- Classificação de Colon**

A Classificação de Colon é um sistema de classificação desenvolvido por Shiyali Ramamrita Ranganathan. Foi a primeira classificação facetada, publicada pela primeira vez em 1933. É utilizada, especialmente, nas Bibliotecas da Índia. Este tipo de classificação é conhecido também por “classificação dos dois pontos”, pois para se separar as diversas classes de uma notação utiliza-se esta mesma pontuação, ou seja os dois pontos. Na Classificação de Colon existe uma diferenciação de classes, conhecida como PMEST (Personalidade; Matéria; Espaço; Tempo). Esta Classificação está dividida em 42 facetas. (Lucas, Corrêa, & Steindnel, 2016, p. 91).

O objetivo desta classificação foi conseguir que uma classificação representasse qualquer tipo de assunto, através destas quatro matérias principais. As ideias básicas desta análise por facetas e a síntese estavam presentes em outros sistemas de classificação. A classificação por facetas desdobra e decompõe os campos das disciplinas científicas segundo pontos de vista distintos.

As facetas apresentam como termos úteis para a descrição de documentos segundo as matérias de cada área científica. A Classificação de Colon classifica por temas que se identificam com os distintos ramos do saber, dividindo o conhecimento em classes principais. (Gil Urdiciain, 2004, p. 102-103).

#### **1.2.4- Classificação de Bliss**

Esta Classificação foi elaborada por Bliss, que dividiu as classes em: História, Ciência, Tecnologia e Arte. Assim a informação era trabalhada tendo em vista apenas estas quatro classes fundamentais. Foi criada em quatro volumes em 1940 e 1953, respetivamente. Era utilizada em mais do que uma tipologia de documentos. Ou seja, esta classificação tem um carácter amplo em termos de assuntos a elencar. Cada grupo é subdividido em classes, reunidas lado a lado, segundo o seu grau de semelhança, e em classes subordinadas, permitindo, assim a coordenação e subordinação dos assuntos. (Barbosa, 1969, p. 145).

A Classificação de Bliss organiza a informação reunindo elementos consoante a sua semelhança, pois distribui as categorias existentes pelas matérias mais gerais. Classifica apenas os termos que se encontram dentro das facetas, contemplando, assim, a complexidade dos assuntos. Conferindo que as combinações feitas entre os termos sejam flexíveis e representativas da informação contida no documento, procurando representar uma rutura com os sistemas atuais. (Guska, 2017).

#### **1.2.5- A Classificação de Cutter**

A Tabela de Cutter é uma tabela de códigos, elaborada por Charles Ammi Cutter em 1882, que indicam a autoria de uma obra literária, utilizada para classificar livros em bibliotecas. A tabela utiliza todas as letras para designar as categorias de livros, em contraste com a Classificação Decimal de Dewey, que utiliza apenas números. (Tabela de Cutter, 2020).

Cutter inspirou-se na Classificação Decimal de Dewey para criar a sua classificação para classificar a coleção de Boston Athenaeum, onde foi bibliotecário durante 24 anos. A Tabela de Cutter serviu como base para a classificação da Biblioteca do Congresso, que utilizou algumas das suas características. (Tabela de Cutter, 2020).

A codificação efetuada por este tipo de classificação faz-se da seguinte forma:

- 1- Inicial do sobrenome do autor;
- 2- Número atribuído ao sobrenome na Tabela Cutter;
- 3- Inicial das primeiras palavras do título;
- 4- Ano de publicação;
- 5- Número do exemplar para diferenciar dois exemplares de um mesmo livro existentes numa biblioteca. (Tabela de Cutter, 2020).

Esta classificação tinha como principal objetivo o utilizador da biblioteca, pois com a crescente consulta de informação pela população da altura, teve de se centrar nesta vertente.

Assim, passou da criação de uma classificação com o paradigma documental para se centrar no utilizador exclusivamente. (Tabela de Cutter, 2020).

## 2- A Classificação Decimal Universal

### 2.1- Caracterização da CDU

A CDU foi desenhada por dois pensadores que decidiram, em conjunto, reunir o conhecimento existente no universo informacional. Henri de la Fontaine e Paul Otlet, em 1895, pegando na Classificação já existente nos Estados Unidos da América, chamada Classificação Decimal de Dewey, decidiram criar uma classificação Europeia. Em 1905, foi criada a Classificação Decimal Universal, para ajustar a classificação para a Europa. Esta classificação que conhecemos é utilizada nas Bibliotecas em Portugal. Esta Classificação só foi apresentada em Haia, quando estava na sua 5ª edição. Em 2005, foi reeditada a Classificação Decimal Universal em Portugal. (Simões, Rodriguez-Bravo & Ferreira, 2018, p 17-18).

A CDU é uma classificação universal, devido ao facto de agrupar o conhecimento em dez classes (0-9), o que na prática são 9 classes, uma vez que não existe a classe 4, que está, até ao momento, vazia. O assunto que esta classe representava era a linguística, que passou a integrar a classe 8. Dentro destas classes existem subclasses para que o assunto possa ser mais especificado, mais estruturado e de fácil compreensão.

A CDU é uma linguagem documental que faz parte das linguagens ditas de tipo categorial, dado que organiza o conhecimento em grandes categorias epistemológicas. (Simões, Rodriguez-Bravo & Ferreira, 2018, p. 19).

Quanto ao seu conteúdo, a CDU é uma classificação considerada enciclopédica, na medida em que engloba todos os ramos do saber. Quanto à sua estrutura, a CDU é um sistema de classificação mista, tendo por base uma classificação enumerativa, incorporando também facetas, como por exemplo a faceta de género. Os sistemas de classificação mistos têm um carácter enumerativo básico, mas acrescentam o uso de facetas, que lhes conferem maior precisão no processo de representação do conteúdo dos documentos. (Gil Urdiciain, 1996).

A qualificação como “misto” corresponde, portanto, a uma combinação das características próprias dos sistemas hierárquicos com os facetados, no processo de representação do conteúdo, predominando um ou outro. Para isto, as classificações mistas enumeram os assuntos básicos em tabelas principais e estão providas de uma série de subdivisões de auxiliares comuns e especiais que atuam como categorias fixas passíveis de serem aplicadas a estes mesmos assuntos. (Gil Urdiciain, 2004, p. 122). As classificações exclusivamente enumerativas são de

estrutura mono-hierárquica, pelo que cada matéria depende apenas de outra de nível hierárquico superior. Esta estrutura torna a classificação mais rígida e, em assuntos mais complexos, mostra-se muito limitativa. Ao invés, as classificações facetadas, porque são de estrutura pluri-hierárquica, permitem um agrupamento dos documentos em função de características comuns. Os sistemas enumerativos tendem a enumerar todos os assuntos e a decompô-los em divisões e subdivisões, ao passo que os sistemas facetados partem de uma lista de matérias e de características gerais que aplicam a cada tema. (Gil Urdiciain, 2004, p. 123).

Na CDU, o caráter misto decorre do uso de auxiliares, que permitem dar mais informação sobre o documento. Esse sistema abarca todas as matérias e as suas subdivisões mais específicas, dentro do assunto geral.

A CDU é uma linguagem documental alfanumérica, ou seja, a CDU é constituída por letras e por números. Por sua vez, nas classes principais é atribuído um termo para representar um assunto, de um modo geral. Nas subclasses, o assunto é representado mais especificamente dentro do assunto geral a que pertence.

Com o código numérico e a sua ordenação, pretende organizar-se o conteúdo dos documentos numa hierarquia que vai do geral para o particular. Neste aspeto, a CDU é eficaz, pois contribui para que o utilizador, ao pesquisar determinada informação, encontre, através da notação, o documento em que essa informação foi previamente identificada e incluída na linguagem documental. (Moreno Fernández & Borgoños Martínez, 2002, p. 19).

Esta organização intelectual criada pela classificação do documento pode servir, também, para a arrumação dos documentos no espaço físico (estantes, prateleiras, etc.). Quando se trate de uma biblioteca de livre acesso, tem a vantagem de permitir ao utilizador aceder mais fácil e imediatamente às obras que respeitem ao mesmo assunto, que por isso, devem corresponder no seu conjunto ao seu interesse enquanto utilizador. Desse modo é natural que o utilizador vá encontrar obras cuja existência até desconhecia, mas que são da sua área de interesse.

Segundo Simões (2018), a estrutura principal da Classificação Decimal Universal, acompanhada dos respetivos auxiliares, permite uma arrumação mais detalhada, conseguindo abordar vários assuntos de maneira clara e objetiva. Isso é bom para os utilizadores, pois estes conseguem recuperar a informação no catálogo apenas com uma notação pequena, o que facilita ao utilizador pesquisar determinado assunto no catálogo bibliográfico. (Simões, Rodriguez-

Bravo & Ferreira, 2018, p. 9-10). E também permite representar as especificidades do conteúdo de cada documento, auxiliando assim na pesquisa inclusive de assuntos específicos em bibliotecas especializadas.

Esta classificação foi criada no século XIX, mas ainda é utilizada nos dias de hoje, resistindo à passagem do tempo. Ou seja, a Classificação Decimal Universal, por ter este fator de universalidade, que também é importante, conseguiu ultrapassar décadas, sem ter sido abandonada a sua utilização. O facto de a CDU ser uma das classificações mais utilizadas em Bibliotecas não é um acaso: é que este tipo de classificação, dada a sua tipologia mista, permite ter a vantagem das classificações enumerativas (que organizam de forma hierárquica o conteúdo dos documentos) das classificações facetadas (que permitem acrescentar categorias que especificam o conteúdo de cada documento). As classificações utilizadas nas bibliotecas resultam de um estudo e de uma análise permanente sobre como deve ser utilizada a classificação nas bibliotecas, dependendo, claramente, do objetivo principal dessa biblioteca, adaptando assim qual o melhor tipo de classificação a utilizar. (Simões, Rodriguez-Bravo & Ferreira, 2018, p. 17-18).

A CDU é, no que respeita ao controlo exercido sobre o vocabulário, uma linguagem controlada (e não uma linguagem livre), porque a sua terminologia é predefinida. Trata-se de uma classificação universal, porque foi concebida para ser utilizada em todo o mundo. (Moreno Fernández & Borgoñós Martínez, 2002, p. 17). O uso da expressão “enciclopédica” é feito porque esta abarca o conjunto do conhecimento humano. (Gil Urdiciain, 2004, p. 122).

A classificação de um documento pode não ser exata nem prática. Ou seja, a notação aplicada a um determinado documento pode variar de biblioteca para biblioteca, o que não significa que a notação esteja errada, pois pode haver várias formas de classificar um mesmo assunto e a CDU permite essa liberdade. Esta classificação assenta numa base de organização do conhecimento, que é atribuída através dos grandes sistemas de matérias. Possibilita organizar o conhecimento de uma forma lógica e sistemática, sendo esta uma organização o mais sintética possível, uma vez que esta classificação privilegia este fator. (Moreno Fernández & Borgoñós Martínez, 2002, p. 19-20).

Esta classificação é exaustiva, porque consegue pormenorizar o assunto de um determinado documento, tendo duas maneiras para o fazer:

- a) Através das tabelas principais;
- b) Através dos auxiliares que a compõem. (Moreno Fernández & Borgoños Martínez, 2002, p. 38).

A lógica da CDU baseia-se no seguinte: quanto mais algarismos tiver a notação, mais específico é o assunto, porque cada algarismo ou conjunto de algarismos identifica um subconjunto do universo informacional definido pelo anterior. (Gil Urdiciain, 2004, p. 122). Por exemplo, o algarismo 5 significa Matemática e Ciências naturais; 51 significa Matemática em particular. Os algarismos de uma notação só podem, por isso, ser lidos algarismo a algarismo e não como um número inteiro (por exemplo: 56 deve ser lido como cinco seis e não cinquenta e seis). 5 é uma classe mais geral e, dentro desta, existe uma notação mais específica, identificada pelo algarismo 6. Por isso, é “cinco seis” e não “cinquenta e seis”. Portanto, a notação deve ser lida algarismo a algarismo, para se compreender o desdobramento dos assuntos, desde o assunto principal até ao assunto secundário, para que assim se possa arrumar os documentos nas estantes e para que o utilizador consiga localizar um documento no meio de tantos outros, pelo mesmo assunto, no catálogo bibliográfico existente na biblioteca. Segundo Simões (2018, p. 26), *a posteriori*, quando se realiza pelo classificador, com o uso de tabelas auxiliares, ou *a priori*, quando assenta na estrutura de notação. Esta “compõe” conceitos mediante a coordenação de índices que dão origem à notação.

A CDU, apesar de um carácter enumerativo básico, também assume facetas, que decompõem um assunto em várias perspetivas (facetas). As facetas podem resultar de tabelas auxiliares, com as quais acrescentamos perspetivas ao assunto das tabelas principais. E, em certas classes, existem subdivisões em facetas. A CDU é uma linguagem semi-facetada. (Simões, Rodriguez-Bravo & Ferreira, 2018, p. 32).

Por exemplo, no caso do vestuário, este pode ser para dois sexos distintos: o masculino, ou feminino. O vestuário classifica-se como 391 e, para se distinguir o vestuário masculino e o vestuário feminino, ter-se-á que adicionar à notação principal (.1), para o caso de vestuário masculino e (.2), para o caso do vestuário feminino. Esta tipologia é baseada na faceta de género pois só assim se pode representar, com a mesma notação, dois assuntos distintos. Por exemplo: 391.1 (vestuário masculino), 391.2 (vestuário feminino). A CDU, é por isso, semifacetada.

Uma diferença entre a CDU e a CDD, por exemplo, é que a CDU consegue relacionar os assuntos existentes através dos vários auxiliares que a compõem agrupando dentro de uma

classe, ao passo que a CDD não consegue relacionar vários assuntos, uma vez que só tem uma tabela de classes principais. A Classificação Colon encontra-se em situação idêntica, não conseguindo especificar o assunto, pois os assuntos são tão genéricos que a sua arrumação não é tão eficaz como na CDU, por não existirem auxiliares que especifiquem melhor o assunto tratado. Apesar de a Classificação de Colon e de a CDD serem mais fáceis de entender e de explicar, não são tão úteis para o utilizador e para o universo representacional como é a CDU. (Andrade, Bruna & Sales, 2011).

A modo de síntese, incluímos no quadro 1 uma identificação dos aspectos positivos e negativos que encontramos na CDU, baseando-nos em Andrade (2011).

**Quadro 1 – Identificação dos aspectos positivos e negativos da CDU**

Aspetos Positivos CDU	Aspetos Negativos CDU
Permite a organização e o acesso a documentos pelo seu conteúdo.	Custo da tradução das tabelas da língua original para a língua portuguesa.
A sua classificação é muito mais abrangente, tendo em conta que depende muito da interpretação do classificador.	As tabelas auxiliares não publicadas em português dificultam a tarefa de quem classifica.
Quando são criadas novas subdivisões, estas não precisam de alterar a ordenação dos números.	Diversas notações para classificar um mesmo assunto. Neste ponto, as diversas notações podem confundir o utilizador quando este procura um determinado assunto,, visto diferentes bibliotecas poderem proceder a notações distintas do mesmo documento.
Publicada em português.	
Uniformização internacional da informação.	
Simplicidade do uso das tabelas.	
Apenas 2 volumes.	
Relação de várias matérias com o tema principal.	

**Fonte:** (Andrade, 2011).

## 2.2- A Estrutura da CDU

### 2.2.1 Índice

O Índice utilizado pela CDU é um conjunto de vocábulos que indicam os assuntos e as notações correspondentes, na teoria, a cada um destes assuntos, a fim de se encontrar na Classificação a melhor notação a utilizar para descrever um assunto de um documento. Por exemplo: Laranja-634.31, Fruto; 535.68, Cor. (BNP, 2005).

Nestes dois exemplos, confirma-se que a representação do mesmo termo vocabular (Laranja), pode efetivar-se, tanto na notação que representa Laranja, Citrino (634.31), como também na notação que representa cor de laranja (535.68). Estas duas notações representam o mesmo assunto, ainda que de uma forma generalizada. Na primeira notação, 6 é Ciências Aplicadas. Medicina. Tecnologia; 63 corresponde a agricultura, Ciências agrárias e técnicas relacionadas. Silvicultura. Explorações Agrícolas. Explorações da Vida Animal; 634 corresponde a agricultura no geral; 634.3 corresponde a Rutáceas e Moráceas. Citrinos em geral, 634.31 corresponde a laranjas. (BNP, 2005).

### 2.2.2 Notação

A notação é um código constituído *a priori*, pois é atribuído a um termo vocabular já existente, pertence a uma linguagem criada artificialmente, o que faz com que esta tenha, obrigatoriamente, uma ligação com um termo vocabular. Também é uma notação decimal, para a representação de diversos assuntos provenientes de um documento. A notação, ainda que não se coloque nesta, é decimal, ou seja a leitura como número inteiro é feita através de números decimais (0,x). (Moreno Fernández & Borgoños Martínez, 2002, p. 33).

A notação torna-se mista, porque a CDU utiliza elementos que não estão no sistema de Classificação. Exemplo disso é o auxiliar A/Z, que se integra nos Auxiliares Comuns Gerais. Ou seja, este tipo de auxiliar está fora do sistema da CDU.

A notação pode ser simples ou composta:

- a) Uma notação (quadro 2) simples é uma notação onde se representam os assuntos através das classes e subclasses principais da CDU;
- b) Uma notação composta é uma notação que, além das classes e subclasses da CDU, também é representada por auxiliares existentes na CDU ou externos à mesma. (Santos, 2011).

### Quadro 2- Notação da CDU: exemplo

Exemplo de uma notação simples:

51 *Matemática*;

Exemplo de uma notação composta:

821.134.3-31 “19”

821.134.3 *Literatura portuguesa*;

821.134.3-31 *Romance*;

821.134.3-31 “19” *Romance do século XX*.

**Fonte:** (Simões, Rodriguez-Bravo & Ferreira, 2018).

## 2.3 - Tabelas Principais

### 2.3.1 Estrutura e Conteúdo

“As Tabelas principais da CDU são constituídas por 10 classes, que representam o conhecimento universal que este sistema se propôs apresentar.” (Simões, Rodriguez-Bravo & Ferreira, 2018, p. 141). “A principal função das classes principais é representar a informação e organizar, de modo sistemático, o conhecimento em sistemas epistemológicos, por forma a uma célere e precisa localização e acesso.” (Simões, Rodriguez-Bravo & Ferreira, 2018, p. 142-143).

As Tabelas Principais da CDU (quadro 3) pretendem representar o máximo possível o conhecimento Universal.

As Tabelas Principais são:

**Quadro 3- Tabelas Principais da CDU**

<b>0</b>	<b>Generalidades, Ciência e Conhecimento. Organização. Informação. Documentação. Biblioteconomia. Instituições. Publicações.</b>
<b>1</b>	Filosofia e Sociologia.
<b>2</b>	Religião. Teologia.
<b>3</b>	Ciências Sociais. Estatística. Política. Economia. Comércio. Direito. Administração Pública. Forças Armadas. Assistência Social. Educação Etnologia.
<b>4</b>	Classe Vazia.
<b>5</b>	Matemática e Ciências Naturais.
<b>6</b>	Ciências aplicadas. Medicina. Tecnologia.
<b>7</b>	Arte. Recreação. Entretenimento. Desporto.
<b>8</b>	Linguística. Literatura.
<b>9</b>	Geografia. Biografia. História.

**Fonte:** (Simões, Rodriguez-Bravo & Ferreira, 2018, p. 141).

Relativamente à classe 4, atualmente vazia, conforme recordam Andrade, Bruna e Sales (2011) essa classe foi transferida para a classe 8 no ano de 1964.

### 2.3.2- Características das Tabelas principais da CDU

“As classes, que integram as Tabelas Principais, representam, de modo geral, um conhecimento que traduz a cultura europeia, principalmente, em particular nos finais do século XIX e com alguns rasgos do século XX.” (Simões, Rodriguez-Bravo & Ferreira, 2018, p. 141). O sistema de classificação corresponde a uma organização cultural e conceptual europeia.

Apesar de ser um sistema de base enumerativo, na CDU os assuntos podem integrar mais do que uma classe principal. O facto de ser uma classificação de base hierárquica confere a esta, características de uma taxonomia, ou seja, está organizada por classes (Quadro 4).

**Quadro 4 – Tabela explicativa do número decimal correspondente à notação**

Assunto	Notação	Número Decimal
Ciências Sociais	3	0,3
Direito	34	0,34
Direito económico, Direito da Condução Estatal da Economia	346	0,346
Direito Económico em Geral	346.1	0,346.1

**Fonte:** (Simões, Rodriguez-Bravo & Ferreira, 2018, p. 26).

Esta Tabela 4 dá uma explicação de como se deve ler uma notação e o porquê da classificação se chamar decimal, pois quando o número é lido como sendo um número inteiro, torna-se perceptível a questão do termo decimal. Em termos classificatórios, quanto mais algarismos têm as notações, como se pode ver pela tabela acima, maior é a sua especificidade. Portanto, quanto mais casas existirem à direita da vírgula, mais específico se torna o assunto.

## 2.4- Tabelas Auxiliares

### 2.4.1- Sinais/Signos

Um signo ou sinal da CDU é um objeto de classificação, extraído da matemática e da linguística. Com estes signos é possível identificar a forma como é tratado um assunto de um determinado documento. Além disso, também dão forma aos auxiliares. Estes signos podem ter duas funções, dentro da notação: uma função classificatória ou, ao invés, não classificatória. (Simões, Rodriguez-Bravo & Ferreira, 2018, p. 43).

#### a) Signos de Função Classificatória

A Adição (+) é utilizada para reunir várias notações independentes entre si, para que se consigam reunir dois assuntos de matérias diversas, quando as notações não são consecutivas e estão associadas ao mesmo documento. Por exemplo: 53<sub>+</sub>81 Física e linguística. (Simões, 2008, p. 45-47).

Por sua vez, a Extensão Consecutiva (/) é utilizada para fazer uma extensão onde se abarca todo o conhecimento existente entre as duas classes ou subclasses envolvidas no assunto principal. Também conhecida por extensão, este signo substitui o símbolo da adição. Por exemplo: 2/3, uma extensão entre religião (2) e ciências sociais (3); 33/34 uma extensão sobre um assunto que vai desde os assuntos correspondentes à subclasse economia (33) até aos assuntos correspondentes à subclasse direito (34). Daí ter que se pôr o símbolo da barra oblíqua. (Simões, 2008, p. 47-48).

A Relação Simples (:) serve para relacionar dois assuntos de duas classes distintas. Esta relação é reversível, uma vez que tanto se poderá ler a notação diretamente como aparece descrito no documento, como lê-la ao contrário. Por exemplo: 17:7 Ética (17) e Arte (7) ou, uma vez que na relação simples a leitura não tem sequência definida, também se poderá ler Arte e Ética. (Simões, 2008, p. 49-55).

A Ordenação (::) serve para relacionar dois assuntos de duas classes distintas, mas ao contrário do auxiliar dos dois pontos, os quatro pontos exigem a leitura tal e qual a notação aparece representada. Por exemplo: 33::51 Economia (33) e Matemática (51) e não Matemática e Economia. (Simões, 2008 p. 55-56).

O Apóstrofo (') tem a função de economizar e integrar conceitos, sem a utilização excessiva dos dois pontos para relacionar as diversas classes ou subclasses representadas na notação. Para que esta fusão se concretize, é necessário que a raiz de ambas as notações seja a mesma. Exemplo: 628.1'1 Características especiais de obras aquáticas, por exemplo de água e de redes de extração de água. Neste exemplo, a notação total seria 628.111.1. (Simões, 2008, p. 56-57).

O Asterisco (\*) é utilizado quando se acrescenta alguma informação externa aos assuntos descritos pelas classes e subclasses da CDU. Por exemplo: 796.88\*kg40 Levantamento de pesos de 40 kg. (Simões, 2008, p. 57).

As aspas (“...” ) são utilizadas quando se necessita de representar a data relativa ao assunto de determinado documento, devendo este auxiliar ser constituído por dois dígitos quando se trate de indicar um século. O século é representado por dois dígitos que representam as centenas nos anos correspondentes a esse século.. Por exemplo: Transportes do século XIX - 656 “18”, pois o século XIX corresponde aos anos de 1800. Este auxiliar também é utilizado para representar um assunto com datas específicas. (Simões, 2008, p. 58).

Os Parênteses (...) são utilizados para representar o espaço geográfico, a raça, grupos étnicos e nacionalidade. Por exemplo: 591.612 (469) Animal Doméstico em Portugal ou 32 (=469) Política portuguesa. (Simões, 2008, p. 58).

O Hífen (-) utiliza-se para representar a propriedade, material e pessoas. Além destes, o hífen também é utilizado em auxiliares especiais -1/-9. Por exemplo: o termo “Advogados” é representado pela CDU da seguinte forma: 347.96-055.1, (3- Ciências Sociais, 34- direito, 347- direito civil, 347.96- Pessoal judiciário. Funcionários de Tribunais, cortes de justiça, juristas. Advogados cíveis. Notários. Tabeliães. Cartórios. Atribuição, funções, competência, esfera de autoridade dos notários, tabeliães. Deveres morais e obrigações dos notários, tabeliães. Organização profissional, corporativa. Magistratura. Magistrados. Juízes. Funções. Deveres morais e obrigações dos Juízes, Magistrados, disciplina, qualificação, responsabilidade dos juízes e magistrados, remunerações, emolumentos, promotores públicos, ministério público, auxiliares do pessoal judiciário, solicitadores, advogados, atribuições, funções, direitos dos advogados. Admissão à profissão. Deveres morais, obrigações. Disciplina. Segredo Profissional. Honorários dos advogados. Organização profissional, corporativa, 347.96-055.1 advogados em particular). (Simões, 2008, p. 59).

O A/Z é o signo utilizado para especificar alfabeticamente os nomes próprios, acrónimos e abreviaturas, podendo aparecer a seguir ao número da CDU. Este auxiliar é utilizado, sobretudo, em bibliotecas especializadas. Por exemplo: para representar Paris, na edição em português da CDU, a notação a utilizar é (44Paris), pois a CDU, não tendo uma especificação para tal assunto em notação, criou este auxiliar para que se consiga especificar uma notação, de modo aberto e não predefinido na CDU. (Simões, 2008, p. 59-63).

#### b) Signos de Função Não Classificatória

Neste caso, os subgrupos algébricos [ ] definem-se pela utilização de sinais algébricos de subgrupos, fixando uma ordem no sentido de proporcionar uma forma de clarificar as relações entre os temas. O objetivo principal é facilitar a leitura e a compreensão da notação com a utilização dos sinais: hífen (-), adição (+), barra oblíqua (/) e dois pontos (:). Por exemplo: 091 [27-242] Manuscritos do Antigo Testamento. (Simões, 2008, p. 63).

O sinal de igual (=), que se utiliza nos auxiliares de língua, nacionalidade, raça, grupo étnico. Este último é precedido de parênteses. Simões (2008). Este auxiliar é representado da seguinte forma: =134.2. Neste exemplo está representada a língua espanhola. (=1:100) Cosmopolitas. (Simões, 2008, p. 64).

O sinal de ponto (.) pode ser utilizado em auxiliares especiais (.01/.09) e .00, nesse caso tem função classificatória. Por exemplo: 33.01 Teoria económica (auxiliar especial.01, que significa Teoria de algo). Mas não tem função classificatória para notações extensas, ou seja, que contenham mais do que três dígitos. Este auxiliar só é utilizado de três em três dígitos consecutivos, sem nenhum valor classificatório, constituindo uma mera facilitação de leitura. É de 3 em 3, começando da esquerda para a direita. Por exemplo: 330.52 Riqueza nacional - (caso em que existem mais do que três dígitos na notação). (Simões, 2008, p. 64).

O sinal de Reticências (...) é um auxiliar utilizado para indicar que a notação poderá ser mais completa e específica do que está a ser a representada no momento, podendo ser utilizado em qualquer lugar da notação. Por exemplo: 94(100)"/18" História mundial até ao fim do século XIX. (Simões, 2008, p. 65-66).

O sinal de Seta (→) é um auxiliar que tem como função remeter o utilizador para notações próximas ou equivalentes à notação descrita no item em questão. Por exemplo: 133.4 Magia. Bruxaria. Feitiçaria. Encantamento. Feitiços. Taumaturgia → 2-54 Cerimónias religiosas.

Profissão de fé. Penitência. Oráculos. Magia. Rituais de iniciação. Exorcismo. Neste caso, o termo vocabular que aproxima uma notação da outra é o termo “Magia”. (Simões, 2008, p. 67).

O sinal de Subdivisão paralela ( $\cong$ ) é um auxiliar que refere que em duas notações semelhantes, estas poderão ser subdivididas da mesma maneira, ou seja, as subdivisões de ambas as notações são iguais, mas a notação principal tem assuntos diferentes. Por exemplo: 026.07  $\cong$  027, sendo 026.07 Tipos de bibliotecas especializadas e 027 Bibliotecas Gerais. (Simões, 2008, p. 67).

### **2.4.2- Auxiliares Comuns Gerais**

Os auxiliares comuns gerais são notações que podem ser aplicadas a todas as classes da CDU, por isso se designam de “comuns gerais”.

Os Auxiliares Comuns Gerais têm como função completar, modificar ou especificar uma notação que, em regra, é extraída de uma classe geral e que representa o assunto principal de um documento. Estes podem funcionar de duas maneiras, perante a notação principal:

- a) Alargar o sentido do assunto representado pela notação principal. Neste caso utilizam-se os sinais: Adição (+) e a Barra oblíqua (/).
- b) Restringir o sentido do assunto representado pela notação principal, utilizando-se então o sinal de dois pontos (:). (Simões, 2008, p. 68-70).

Como estes auxiliares têm como principal função adicionar informação à notação, traduzem uma percepção mais eficaz e completa do assunto estudado. (Simões, 2008, p. 70).

#### **a) Auxiliares Comuns Gerais Independentes**

Os auxiliares comuns gerais independentes são aqueles que se podem associar a uma classe principal ou registar-se de forma autónoma. Assim, os pontos de acesso criados por estes auxiliares são pontos de acesso independentes. (Simões, 2008, p. 71-73).

Os auxiliares considerados comuns gerais independentes são:

- a) Auxiliares Comuns de Língua;
- b) Auxiliares Comuns de Forma;
- c) Auxiliares Comuns de Lugar;

- d) Auxiliares Comuns de Raça, Grupo Étnico e Nacionalidade;
- e) Auxiliares Comuns de trabalho projeto.

Os auxiliares comuns de língua são auxiliares que identificam o idioma em que o documento está escrito. (Simões, 2018, p. 74).

Por exemplo: 33(=134.3) Documento de Economia escrito em português. 3- Ciências Sociais; 33- Economia; 33(=134.3) Economia escrito em português.

Os auxiliares comuns de forma são auxiliares construídos hierarquicamente que identificam o documento onde o assunto está materializado, com auxiliares (.0). Também existem os auxiliares de forma construídos com o (03...). Por exemplo: 811.134.3(038) Dicionário de língua portuguesa. 8- Língua, linguística, literatura, 81- Linguística, Línguas, 811- Línguas; 811.134.3- língua portuguesa, (038) Dicionário. (Simões, 2008, p. 77-84).

Os auxiliares comuns de lugar são auxiliares que identificam o país, civilização ou nacionalidade, que consista no assunto do documento em causa. Estes auxiliares também obedecem à particularização dos lugares que se estejam a descrever numa determinada notação. Por exemplo: 94 (469) História de Portugal, que corresponde a: História- (94) - acrescido de um auxiliar de lugar, neste caso, (469) - Portugal (4- Europa; 46- Península Ibérica; 469- Portugal). (Simões, 2008, p. 85-90).

Os auxiliares comuns de Raça, Etnia e Nacionalidade são auxiliares que têm como objetivo identificar a Raça, Nacionalidade e Etnia dos povos. Estes auxiliares são construídos a partir dos auxiliares de língua. A diferença é o facto de este auxiliar aparecer entre parêntesis curvos. (Simões, 2008, p. 91-94).

Por exemplo: 323.1“19” (=411) Antissemitismo no século XX. Em que:

- 3- Ciências Sociais;
- 32- Política;
- 323- Política Interna;
- 323.1 (=411)-antissemitismo;
- 323.1”19” (=411)- antissemitismo no século XX.

Os auxiliares comuns de tempo são utilizados quando se pretende localizar a cronologia de um determinado assunto descrito num documento. Este auxiliar é utilizado em concordância com o conteúdo do documento e não com a sua data de publicação. Por exemplo:

33”19” Economia do século XX.

3-Ciências Sociais;

33- Economia;

33”19”- Economia do século XX. (Simões, 2008, p. 94-97).

### **b) Auxiliares Comuns Gerais Dependentes**

Os auxiliares Comuns Gerais Dependentes têm esta designação porque acompanham a notação principal. Caso estes auxiliares não estejam relacionados com a notação Principal, deixam de poder constituir um ponto de acesso. (Simões, 2008, p. 98).

#### **b.1) Auxiliares Comuns de Propriedade**

Este tipo de auxiliar serve para especificar a propriedade das entidades representadas pela notação principal (-02; -03; -05). (Simões, 2008, p. 100).

Este auxiliar, apesar de estar explicado na CDU como um auxiliar que abrange estes algarismos, a verdade é que pode agregar no lugar destes algarismos mais um algarismo consecutivo. Por exemplo:

3- Ciências Sociais;

37- Educação;

377.4- Questões gerais de didática e método;

37.02-028- Questões gerais de didática e método audiovisual em geral;

37.02-028.26- Questões de didática e método audiovisual em específico.

#### **b. 2) Auxiliares Comuns de Materiais**

Os auxiliares comuns de materiais especificam a matéria ou material em que constituem determinado objeto. Para este caso o auxiliar a ser utilizado é o -03. (Simões, 2008, p. 101-102).

Por exemplo:

730- Escultura;

730-035.3- Escultura em madeira.

Os auxiliares comuns de pessoas e características pessoais são utilizados, quando se pretende particularizar numa notação, quando esta não esteja referida na própria notação principal ou num outro auxiliar especial que o represente. Estas particularidades são atribuídas pelos auxiliares: -05. (Simões, 2008, p. 103-104).

Por exemplo:

326 Escravatura;

326-051 Escravizador;

326-52 Escravo.

#### b. 3) Auxiliares Especiais

Os auxiliares especiais só têm função num conjunto restrito de conceitos ou disciplinas, ou seja, têm aplicação limitada às partes em que são indicadas, sendo cada série empregada para indicar conceitos, que se repetem apenas naquela parte ou sequência das tabelas principais. (Simões, 2008, p. 104-106).

##### a) Auxiliares Especiais Hífen -1/-9

De acordo com Simões (2008) “[e]ste auxiliar tem uma função analítica ou discriminativa servindo para indicar elementos que discriminem na notação total a que estes se aplicam. Por exemplo Conto 82-34.” (p. 107).

##### b) Auxiliares Especiais Ponto Zero .01/.09

Este auxiliar tem uma função analítica. Servindo para indicar os conceitos que se repetem, tais como aspetos relativos a estudos, atividades, processos, operações, instalações e equipamentos. Podem estar associados a diversos assuntos, permitindo que estes ganhem novas perspetivas, dependendo da sua utilização na notação. Regra geral, estão associados a classes como: a classe 3 (3.07/.08;30/39); a classe 5 (528,53,54,556,57/59); a classe 6; a classe 7 (7.01/.09) e também

às classes 8 e 9. Por exemplo: Teoria económica 33.01, neste exemplo o auxiliar especial é o .01. (Simões, 2008, p. 108).

c) Auxiliares Especiais Apóstrofo ‘0’9

Este auxiliar tem a função de síntese ou integração, indicando assuntos compostos por meio de notação composta. Por exemplo: Formas Culturais pré-históricas 903’1, neste caso o auxiliar especial é o ‘1. (Simões, 2008, p. 109).

A notação é feita da seguinte forma:

Notação Principal da CDU e, no seguimento desta, virão os auxiliares que compõem a notação.

Por exemplo:

Covid-19 em Itália - 614.4(450). 614.4, significa: Controlo de doenças transmissíveis (infeciosas, contagiosas). Prevenção de epidemias.

(450)- Auxiliar de lugar para Itália.

### **2.4.3- A ordem dos elementos da notação**

A ordem dos elementos da notação é atribuída aos elementos que constituem uma notação composta. Para a ordem dos elementos, é necessário existirem regras de ordenação para que a recuperação da informação seja mais eficaz e eficiente.

Segundo (Simões, Rodriguez-Bravo & Ferreira, 2018), não se impõe uma regra universal em relação à ordem de citação dos auxiliares.

Sendo que as autoras referem que existem dois pontos em que esta matéria se divide:

- a) A ordenação dos elementos deverá ser efetuada do geral para o particular e os números registados da esquerda para a direita;
- b) A ordem dos elementos é inversa à ordem sequencial apresentada nas tabelas da CDU. (Simões, Rodriguez-Bravo & Ferreira, 2018, p. 133-134).

Concluimos que, o procedimento de ordenação dos elementos da notação será a seguinte:

Notação Principal + Auxiliares Especiais + Auxiliares Comuns.

## 2.5- Notas sobre a arrumação física e a classificação por centros de interesse

A arrumação física depende dos interesses do utilizador. Ou seja, uma biblioteca arruma e disponibiliza os documentos, dependendo dos interesses dos utilizadores mais assíduos da mesma e também, é claro, dos meios e condições de que dispõe. As classificações são o resultado de anos de adaptação e estudo, pois dependendo da forma como a biblioteca dispõe os seus documentos e de como os descreve, quem classifica esses mesmos documentos terá de estudar esses mesmos documentos que irá disponibilizar aos seus utilizadores, quer estes sejam reais ou potenciais. (Simões & Miguéis, 2001, p. 15).

A CDU é utilizada como um instrumento de classificação de um determinado documento, segundo o assunto que este descreve, procurando arrumá-lo na classe correspondente na estante.

A classificação é uma ordenação de conceitos, conceitos esses que estão ordenados em classes, definidas numa estrutura. Este instrumento tem como objetivo ajudar à operação com o mesmo nome. (Gil Urdiciain, 2004, p. 122).

O conceito de classificar tem a ver com o ato de atribuir uma classificação a um objeto por parte do Ser Humano. Classificar mostra-se como um ato que é concretizado após o estudo da própria classificação (Instrumento). (Esteban Navarro, 1995, p. 84).

As classificações como a CDU ou a CDD utilizam a organização e o acesso a documentos pelo seu conteúdo, ou seja, os documentos são organizados e arrumados nas estantes dependendo do tema que é abordado em cada um deles.

“Os “centros de interesse” são uma forma diferente de arrumar os documentos, tendo como principal objetivo facilitar o acesso ao utilizador, arrumando a documentação de modo a que esta esteja disponível para quem a queira consultar. Organizando, assim, toda a documentação pelas áreas de maior interesse do utilizador, permite que a recuperação de determinada informação seja feita de forma simples e prática. Todavia, a prática mostra que os centros de interesse não garantem este resultado. E, por outro lado, a técnica de sinalética, associada a uma classificação, pode cumprir o mesmo objetivo.” (Simões & Miguéis, 2001, p. 16-17).

A Classificação desta forma permite que os utilizadores de uma biblioteca estejam integrados na dinâmica da própria Biblioteca, sem estarem sujeitos a uma classificação já estabelecida pela biblioteca e que poderá não ajudar da mesma maneira o seu utilizador.

Ao utilizarmos um tipo de arrumação pelos centros de interesse dos utilizadores, temos também que usar outro sistema de classificação, pois os centros de interesse são definidos pelos utilizadores para determinado assunto e, como sabemos os utilizadores mudam constantemente o seu interesse, dependendo sempre das áreas do conhecimento em que estão inseridos. Com base nos Centros de Interesse dos utilizadores de uma biblioteca ou de um arquivo, a disposição do espólio da biblioteca ou de um arquivo poderá ter de mudar se se alterarem os interesses. (Simões & Miguéis, 2001, p. 17-18).

## **2.6- Arrumação intelectual e arrumação física**

A arrumação física por assuntos e a disposição dos livros nas estantes é criada de acordo com os assuntos. Deste modo, a arrumação física e a classificação intelectual das obras estão em completa concordância. Uma arrumação intelectual tem a ver com a junção de diversos elementos de um assunto da obra, partindo de uma notação que, em muitos casos, é a CDU, para depois formar uma cota para atribuir à obra.

Depois de concluído o tratamento do documento, este deve ser arrumado em local próprio, consoante o seu tipo, de acordo com a cota e espaço físico da biblioteca. No início, utiliza-se a notação (arrumação intelectual) para depois se formar uma cota (arrumação física).

As cotas são atribuídas nos SBD-FLUC com base na classificação, mas nem todas as bibliotecas usam este sistema de classificação. Estas também podem ser entendidas como códigos que indicam a localização física dos documentos nas estantes, identificando-os com áreas temáticas precisas da CDU. São, por isso, elementos muito importantes para ordenar e identificar os documentos nas bibliotecas, ordenando-os segundo uma sequência numérica, que simultaneamente corresponde a um por assunto. Daí a importância de seguir sempre o mesmo critério na atribuição de cotas, para que a arrumação dos documentos seja coerente.

As cotas atribuídas pelos SBD-FLUC são compostas por duas partes. Uma relativa à temática do documento, retirada da CDU, e uma outra relativa à Tabela Pha. No que respeita à temática do documento para a atribuição das cotas utilizamos um sistema mais simples. Assim, a notação escolhida para cota (expressão numérica) poderá, por vezes, não ser exatamente igual à classificação atribuída, pelo facto de ter sido simplificada. Isto com o objetivo de estabelecer um sistema de classificação que seja simultaneamente adequado e perceptível para os utilizadores da biblioteca.

A segunda parte da cota atribuída pelos SBD-FLUC é constituída pela Tabela PHA que se encontra representada pela primeira letra do apelido autor em questão em letra maiúsculas, de seguida, o número correspondente ao apelido do autor segundo a Tabela Pha e, por fim, a primeira letra do título em minúscula.

Ainda no que respeita à atribuição de cotas, e uma vez que é determinante na arrumação/localização dos documentos nas estantes e por consequência em áreas temáticas precisas, optou-se por separar os volumes das coleções e/ou enciclopédias que abordem temas muito distintos e que têm cabimento em áreas temáticas muito distintas em termos de tabela CDU. Assim, para uma enciclopédia que tenha um volume sobre saúde, um de história e outro sobre a natureza, a cota a atribuir não será generalista, mas sim a específica, face ao tema tratado. O que acontecerá, igualmente, com os Dicionários das respetivas áreas temáticas. (Campos, 2017, p. 13-17)

Temos de interpretar a notação atribuída no registo bibliográfico com a cota classificada no final, ou seja, fazendo a comparação entre a notação e como chegamos à cota final atribuída por cada biblioteca. Como podemos ver na figura 1, a notação atribuída pela CDU difere em alguns casos na totalidade quando comparada com a cota atribuída por cada umas das bibliotecas.

Área do Utilizador: Catálogo Integrado, Sobre a Biblioteca

Últimas Aquisições: Publicações Periódicas

Livro Antigo: Teses e Produção Científica, Outros Recursos

Portal das Bibliotecas: Estudo Geral, Outras Bibliotecas

b-on Alma Mater

RECOMEÇAR | GUARDAR REGISTOS | FORMATO MARC | REGRESSAR À LISTA | LIMITAR/ORDENAR PESQUISA | OUTROS RECURSOS | OUTRA PESQUISA

TÍTULO: sociologia | Faculdade de Economia

Ordenação de Sistema | Pesquisar

Limitar pesquisa a exemplares disponíveis

Página de Resultados: << ANTERIOR | SEGUINTE >>

Autor: Ferreira, Nuno Estêvão, 1968-  
 Título: A sociologia em Portugal : da Igreja à Universidade / Nuno Estêvão Ferreira.  
 Edição: 1ª ed.  
 Publicação/Produção: Lisboa : Imprensa de Ciências Sociais, 2006.  
 Descrição Física: 258 p. ; 23 cm.  
 Série: Estudos e investigações ; 40  
 Bibliografia: Fontes e Bibliografia: p. 235-258.  
 ISBN: 972671172X  
 Nº Dep Legal: 243120/06 PT  
 Assunto: Mudança social. Secularização. Sociologia da religião -- Portugal. Conhecimento científico. Investigação sociológica. Sociologia -- Catolicismo -- Laicidade -- Religião. História da sociologia -- Portugal -- 1950-1970. História do pensamento sociológico -- Portugal -- 1950-1970.  
 CDU: 316.42 (469) 316.2

Biblioteca	Cota	N.Registo	Nota de exemplar	Disponibilidade	Cat. Empréstimo
UC Faculdade Economia	316.2 FER c.3	51801		DISPONÍVEL	EMPR LIVRE
UC Centro Estudos Sociais	316.42(469) FER 2006	08617	Proveniente do Fundo Geral	DISPONÍVEL	EMPR LIVRE
UCFL I.Hist Teoria Ideias	316(469) F442s c.2	7093	Colocado na BC	DISPONÍVEL	NÃO AUTORIZADO
UC Biblioteca Geral	9-(1)-3-51-23 c.4	385204-D		DISPONÍVEL	EMPR LIVRE

Figura 1 – Comparação da CDU com a Cota Classificada por cada Biblioteca

Fonte: (SIBUC)

Comparamos a notação atribuída no registo bibliográfico com a cota classificada no final (figura 1), para que a explicação seja interpretada como sendo uma adequação ao tipo de biblioteca onde é classificado.

Como podemos ver na figura seguinte a cota atribuída a um exemplar difere de biblioteca para biblioteca na sua formação, tendo a mesma CDU.

Sendo a CDU atribuída 316.42 (469) e 316.2, como podemos verificar na Faculdade de Economia a cota atribuída é 316.2 FER (três primeiras letras do apelido do autor), no Centro de Estudos Sociais a cota atribuída é 316.42 (469) FER 2006 (três primeiras letras do apelido do autor e o ano de publicação), no Instituto de Historia e Teoria das Ideias a cota atribuída é 316(469) F442s (corresponde à tabela PHA), e por último na Biblioteca Geral a cota atribuída é 9-(1)-3-51-23. Esta última cota difere bastante de todas as outras cotas utilizadas nas outras bibliotecas, porque não tem nenhuma relação com a notação do documento, sendo uma cota criada exclusivamente como base na arrumação.

Ora, a explicação para alguns destes casos é a seguinte:

A classificação atribuída vai diferir de biblioteca para biblioteca. A atribuição da CDU a um dado exemplar dá-nos a informação de que o mesmo já se encontra classificado. Cada biblioteca irá atribuir uma cota de que o mesmo seja arrumado na estante respetiva quando lhe é atribuída uma cota, ou seja, o princípio usado pelas bibliotecas para atribuir uma cota vem da classificação previamente definida ao exemplar e será colocada a cota de acordo com a arrumação física que cada biblioteca tem estabelecida.

### **2.6.1- Exemplos de Bibliotecas que usam outras classificações para atribuir cotas**

São vários os exemplos de Bibliotecas que não usam a CDU para classificar os documentos:

A Biblioteca da Universidade da Beira Interior utiliza uma classificação própria da seguinte forma:

Medicina Chinesa MD-0-040. MD (Medicina), a restante classificação tem a ver com a disposição do documento na prateleira. Esta Universidade não utiliza a CDU.

MD-0 é o número de classificação do assunto relativo a Medicina Chinesa;

O -040 é a fonte de catalogação, ou seja, a agência que cataloga os documentos na Biblioteca da Universidade da Beira Interior.

A Biblioteca da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra classifica as obras da seguinte forma:

Extradition Law: reviewing grounds for refusal from the classic paradigm to mutual recognition and beyond/ Miguel João Costa

G- 50-15-31

G (Sala do depósito onde o documento se encontra);

50 (Estante);

15 (prateleira);

31(ordem pela qual o documento está disposto nessa mesma prateleira).

No caso de uma cota alfanumérica, a Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra não utiliza a CDU, mas sim uma forma de indicar em que sala é que o exemplar se encontra, a estante onde este está arrumado, a prateleira e a sequência deste perante os restantes exemplares da mesma prateleira onde este se localiza. A CDU é o instrumento utilizado para classificar o documento, a cota classificada é a adaptação de uma notação de uma qualquer classificação bibliográfica e os restantes elementos, que cada biblioteca entende serem a melhor forma para a arrumação de um documento no depósito.

## 2.7- Tabela PHA

Segundo Izabel Lima (2016), a Tabela Pha foi criada por Heloísa de Almeida e Prado, daí o nome Pha (P. H. A), sigla do nome da autora, que elaborou uma Tabela de notação de autor, a partir da Tabela de Cutter. A Tabela Pha é uma tabela de base decimal e de ordem alfabética. De acordo com essa ordem é-lhe atribuído um código, crescente também. Na Tabela existem alguns códigos que correspondem a dois autores de duas entradas distintas no registo. Os códigos da Tabela Pha, ao contrário dos códigos da CDU, são lidos como números inteiros e não algarismo a algarismo. 345 (trezentos e quarenta e cinco) e não três, quatro, cinco, como se lê numa notação da CDU. Em algumas bibliotecas portuguesas utiliza-se a Tabela Pha, que é uma adaptação para a língua portuguesa da codificação da Tabela de Cutter, utilizada na Biblioteca do Congresso nos EUA.

Esta ferramenta para atribuir cota a um documento é utilizada da seguinte forma:

Notação do assunto principal (CDU); a primeira letra do apelido do autor em maiúscula, o código correspondente na tabela e a primeira letra do título da obra em minúscula. A única diferença entre a Tabela Pha e a Tabela de Cutter é que a Tabela Pha utiliza um só código de correspondência e a Tabela de Cutter utiliza dois códigos, para essa mesma correspondência.

A Tabela Pha não começa os códigos pelo número 0, porque este algarismo é confundível com a letra *O* e o código não teria o mesmo efeito. Assim, quando a autora criou a Tabela Pha, teve o cuidado de eliminar este possível problema, começando então pelo algarismo 1.

Por exemplo: Em Os Lusíadas de Luís de Camões, o código da Tabela Pha entraria pela letra do apelido do autor C, seguida do código atribuído pela Tabela Pha a Camões e depois a letra **l** do título, que seria a primeira letra da palavra Lusíadas e não pelo artigo definido “O”.

### **C192l**

Por exemplo, uma obra intitulada Carros de Henri Ford, o código da Tabela Pha correspondente seria:

**F794c: F de Ford, o código correspondente 794 e c minúsculo do título da obra carros.**

Se existir um código igual para duas obras do mesmo autor e caso o primeiro exemplar já tenha um código correspondente na Tabela Pha, então, para que este código não se repita, no segundo exemplar tem que se colocar o código com a segunda letra da palavra inicial do título da obra para o código dos dois exemplares descritos não ficar idêntico.

### **Exemplo:**

#### **S612c**

#### **S612cl**

No primeiro caso, temos um código correspondente a “Simões”, autora do livro intitulado “Classificações bibliográficas: Percurso de uma Teoria” e, no segundo caso, o código corresponde à mesma autora (Simões), mas o título do livro é “Classificação Decimal Universal: Percurso de uma teoria”.

### **Exemplo:**

#### **Saramago**

#### **S247m.**

**S** em maiúscula, que corresponde ao apelido do autor (Saramago), seguido do código correspondente na Tabela Pha (247 – Saraiva M.) e, por fim, **m** em letra minúscula correspondente ao título (Memorial do Convento).

R	S	R	S	R	S	R	S
R	1 S	Rams	15 Saint V.	Raum	19 Sanches	Rebouças	24 São
Ra	11 Sá	Ramu	151 Sainz	Raus	191 Sanches L.	Rebouças M.	241 São L.
Rab	111 Sá C.	Rand	152 Sak	Raut	192 Sanches R.	Rebouças R.	242 São R.
Rabb	112 Sá F.	Randal	153 Sal	Rav	193 Sanchez	Rebu	243 Sap
Rabe	113 Sá L.	Rangel	154 Sald	Ravai	194 Sanchez L.	Rec	244 Sapp
Rabel	114 Sá P.	Rangel L.	155 Sale	Raval	195 Sanchez R.	Rech	245 Sar
Rabem	115 Sá R.	Rangel R.	156 Salf	Ravan	196 Sanct	Reck	246 Saraiva
Raben	116 Saa	Rani	157 Salg	Ravas	197 Sand	Recl	247 Saraiva M.
Rac	117 Sab	Rank	158 Salgado	Rave	198 Sande	Reco	248 Sard
Rach	118 Sabb	Ranki	159 Salgado M.	Raven	199 Sando	Red	249 Sardin
Raci	119 Sabe						
Rad	12 Sabi	Rann	16 Sali	Ravenn	21 Sandov	Redi	25 Sarf
Radi	121 Sabin	Rano	161 Salk	Ravi	211 Sandr	Redm	251 Sarf
Rado	122 Sabo	Ranz	162 Salles	Raw	212 Sane	Redo	252 Sark
Rac	123 Sabu	Ranzi	163 Salles C.	Rawl	213 Sanf	Reds	253 Sarl
Raf	124 Sac	Rao	164 Salles F.	Ray	214 Sang	Ree	254 Sarm
Rag	125 Saec	Raph	165 Salles M.	Raym	215 Sangi	Reed	255 Sarmen
Rago	126 Sach	Rapi	166 Salles R	Rayma	216 Sangir	Rees	256 Sarmi
Ragu	127 Sack	Raposo	167 Sallu	Rays	217 Sani	Reev	257 Saro
Rahm	128 Sad	Raposo M.	168 Salm	Raz	218 Sank	Reg	258 Sarr
Rai	129 Sade	Rapp	169 Salo	Rass	219 Sanm	Regg	259 Sart
Raim	18 Sadi	Raq	17 Salom	Rc	22 Sann	Reggi	26 Sarto
Rain	181 Sado	Ras	171 Salt	Read	221 Sans	Reggio	261 Sartr
Raj	182 Sadr	Rasc	172 Salu	Real	222 Santa	Regin	262 Sarz
Ral	183 Saen	Rasci	173 Salv	Realc	223 Santan	Reginet	263 Sas
Ram	184 Saf	Rasg	174 Salve	Ream	224 Santar	Regino	264 Sass
Ramalho	185 Ssg	Rash	175 Salvi	Rean	225 Sante	Regis	265 Sat
Ramalho M.	186 Sage	Rasm	176 Salvo	Rear	226 Santi	Regn	266 Sato
Ramb	187 Sagu	Raso	177 Salz	Reau	227 Santil	Rego	267 Satr
Rame	188 Sah	Rasp	178 Sam	Reb	228 Santis	Rego M.	268 Satt
Rami	189 Sai	Rass	179 Samar	Rebec	229 Santo	Regu	269 Satu
Ramo	14 Sail	Rast	18 Samb	Rebel	23 Santoc	Rehd	27 Saty
Ramos	141 Saint	Rastel	181 Sampaio	Rebel	231 Santon	Rehder	271 Satz
Ramos C.	142 Saint A.	Rat	182 Sampaio C.	Rebell	232 Santor	Rehf	272 Saub
Ramos F.	143 Saint C.	Rath	183 Sampaio F.	Rebello	233 Santos	Rei	273 Sauer
Ramos L.	144 Saint E.	Ratti	184 Sampaio L.	Rebelo	234 Santos C.	Reib	274 Saul
Ramos P.	145 Saint H.	Ratto	185 Sampaio P.	Reben	235 Santos F.	Reic	275 Saun
Ramos R.	146 Saint L.	Ratz	186 Sampaio R.	Rebi	236 Santos L.	Reich	276 Sauv
Ramos T.	147 Saint M.	Rau	187 Samr	Rebo	237 Santos P.	Reiche	277 Sav
Ramp	148 Saint P.	Raud	188 Samu	Rebot	238 Santos R.	Reichel	278 Savi
Rampo	149 Saint S.	Raul	189 San	Rebou	239 Santos T.	Reichen	279 Savo

Figura 2- Exemplos da Tabela

Fonte: (Tabela Pha, p. 72-73)

Neste caso (figura 2), como não existe o código correspondente a Saramago na Tabela Pha, ter-se-á de colocar o código da palavra mais próxima, ou seja, com a última letra da palavra encontrada na tabela, terá que ser a palavra que termine com uma letra anterior, na ordem alfabética, à letra correspondente à palavra correta, ou seja, Sar. Por este motivo, o código ficaria S247m e o título da obra correspondente em letra minúscula.

**S** em maiúscula, que corresponde ao apelido do autor (Saramago), seguido do código correspondente na Tabela Pha (247 – Saraiva M.) e, por fim, **m** em letra minúscula correspondente ao título (Memorial do Convento).

Como a Classificação Decimal Universal apenas identifica um determinado assunto, a utilização da Tabela Pha permite distinguir (individualizar) o registo de obras com o mesmo assunto, evitando repetições de cotas. Este instrumento permite que a notação final de um determinado registo tenha uma informação mais detalhada, do que a que está contida na CDU.

Um exemplo, entre muitos, é o da tradução. Como existem muitos documentos em que o assunto principal é tradução, apenas a Classificação Decimal Universal não seria suficiente para realizar a descrição e individualizar (distinguir) as obras, pois os registos coincidiriam uns com os outros. Por este motivo, ao acrescentarmos o código da Tabela Pha, diferenciamos estes registos uns dos outros. A Tabela Pha evita a “duplicação” de cotas, aquando da introdução no registo de exemplar ao acrescentar à classificação da CDU, com base nos assuntos, a atribuição de elementos individualizadores de cada obra. (Soares, 2017).

A vantagem de se utilizar esta ferramenta numa biblioteca consiste na distinção dos vários documentos que contenham a mesma cota da CDU para, assim, não coincidirem no próprio catálogo as notações das mesmas. Como as obras são muitas e, claramente, têm a mesma cota da CDU, é uma vantagem para a própria arrumação do espólio da biblioteca. Com esta fórmula não só as notações ficam mais pequenas como é mais fácil distinguir as várias obras no catálogo bibliográfico. Outro aspeto que queria salientar é o facto de uma biblioteca poder ter muitas obras classificadas com a mesma notação e, por este motivo, esta ferramenta ajuda a distinguir as obras umas das outras. Facilitando, assim, a procura do utilizador, mas também facilitando a arrumação dos documentos no depósito por parte do bibliotecário, principalmente quando se trata de um espólio de grandes dimensões, como é o caso desta biblioteca. (Soares, 2017).

## **II Parte Prática**

### **O trabalho de projeto desenvolvido na Biblioteca de Tradução dos SBD-FLUC**

### **3- Biblioteca de Tradução dos SBD-FLUC por assunto**

Este trabalho decorreu nos SBD, de 1 de abril a 6 de junho de 2019, tendo como objetivo arrumar as obras da sala da Biblioteca de Tradução, por assunto. Neste âmbito alteraram-se as cotas antigas, que não tinham este mesmo fator delineado. O trabalho passou por pesquisar no sistema de gestão bibliográfica Millennium os livros desta biblioteca e verificar se estavam classificados. Caso estivessem, apenas se criava uma nova cota com base na notação do registo bibliográfico, nas orientações de arrumação definidas e na Tabela Pha. Se não estivessem classificados, procedíamos à sua classificação e indexação que depois era revista antes de atribuir a cota. Ou seja, apenas foram alteradas as cotas existentes anteriormente, com base em notações segundo os novos objetivos desta biblioteca. Assim, arrumamos estes documentos segundo os seus assuntos e a Tabela Pha e classifiquei-os de acordo com a CDU.

#### **3.1- SBD-FLUC: Missão e Caracterização**

O objetivo dos SBD-FLUC é disponibilizar o máximo de conhecimento pelos meios mais acessíveis aos utilizadores, maioritariamente alunos, professores e investigadores da faculdade. Tendo também como objetivo ir ao encontro das necessidades dos seus utilizadores.

A organização da biblioteca também serve para que a procura por parte do utilizador seja rápida e eficaz, procurando reduzir-se o mais possível o tempo de procura para o utilizador. Se a biblioteca estiver bem organizada, o tempo que um utilizador depende na procura de um documento diminui. (SBD – FLUC, 2020)

As Bibliotecas geridas pelos SBD- FLUC estão organizadas por várias salas, seja de consulta, seja apenas de depósito. A organização é orientada por áreas de conhecimento e de ensino (por exemplo, ciência da informação, filosofia, línguas modernas, etc.).

O acervo das bibliotecas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra está organizado da seguinte maneira:

É constituído por uma sala comum (sala de leitura), onde estão colocadas as obras mais requisitadas pelos utilizadores e de livre acesso. As restantes obras estão repartidas pelas diversas salas e pelo depósito, também estas com regras de arrumação próprias.

As Bibliotecas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra são constituídas por diversas obras. Ao todo a Biblioteca tem cerca de meio milhão de monografias no acervo bibliográfico. Estes exemplares estão divididos pelos variados departamentos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Estes números não correspondem à totalidade dos exemplares existentes, uma vez que alguns acervos não estão contabilizados na totalidade, como, por exemplo, as bibliotecas particulares doadas e que ainda aguardam tratamento. (SBD – FLUC, 2020)

### **3.1.1- Caracterização genérica da Biblioteca de Tradução**

A Biblioteca de Tradução da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra é uma biblioteca especializada em tradução, apesar de existirem documentos de áreas que não tenham a ver com esta vertente. Quanto ao seu espólio, esta biblioteca tem mais de 1000 documentos. (SBD – FLUC, 2020)

É uma biblioteca em que a coleção é constituída por obras de tradução, dicionários, enciclopédias e outras obras, cujos assuntos estão relacionados com estas tipologias.

Estas obras situavam-se na Biblioteca Central, mas a criação de novos currículos na FLUC, na área da Tradução e o conseqüente crescimento das coleções respeitantes a esta, fez com que a Faculdade criasse uma sala própria no 7º piso para guardar estes documentos. Assim, com este tipo de arrumação, os utilizadores desta sala tinham os documentos ao seu alcance para consultar.

### **3.1.2- Uniformização das notações**

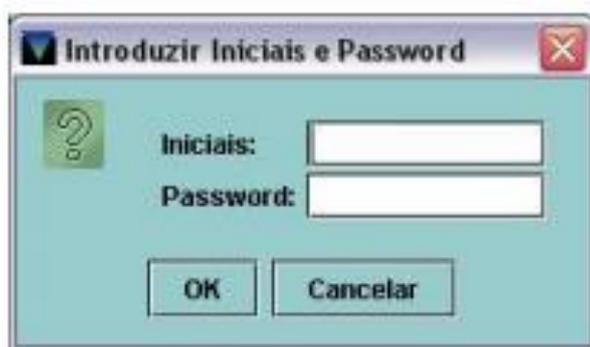
No que toca à uniformização das notações existentes nos registos bibliográficos, os registos que tinham no campo 080, a notação colocada com a CDU de 1990, foram atualizadas para a CDU de 2005, nomeadamente as da Classe 8. Também foram classificados os documentos que estavam catalogados, mas que não estavam classificados. Para isso, foi necessário ir ao registo bibliográfico verificar os assuntos da obra a fim de conseguir classificar segundo o assunto que a obra descreve. Para a classificação no registo bibliográfico, os SBD-FLUC utilizam apenas a edição de 2005. No entanto, e apenas para a atribuição de cotas, optaram também por utilizar a edição de 1990, apenas para as notações das línguas e das literaturas, porque, para a classe 8, apresenta notações mais pequenas.

Após este processo, atribuía-se uma cota no registo de exemplar, com a CDU e, por fim, o código da Tabela Pha. Depois, era registado em campo próprio a assinatura atribuída que corresponde à identificação da pessoa que procedeu às alterações no registo de exemplar.

### 3.2- Acesso ao registo bibliográfico

Para se fazer o login (figura 3) no módulo de catalogação do Millennium, introduzem-se as iniciais da biblioteca e password e, de seguida, prime-se o botão ok para se entrar no Software.

Entrando no Software do Millennium, é necessário introduzir, também, uma nova credencial e password que identificam o bibliotecário que inicia o trabalho no catálogo dos SBD-FLUC. A imagem que surge no ecrã é a seguinte:



**Figura 3 – Login do Software Millennium**

**Fonte:** (SIIB/UC)

### 3.3- Registo Bibliográfico

No trabalho projeto foi possível elaborar um registo bibliográfico de uma forma correta.

Este registo é feito através do sistema integrado de gestão bibliográfica Millennium que possui diferentes campos organizados da seguinte forma:

Em primeiro lugar, coloca-se o número Normalizado (ISBN/ISSN);

Em segundo lugar, insere-se a Classificação Decimal Universal;

Em terceiro lugar, preenche-se o título da obra que se está a descrever e o autor que a escreveu;

Em quarto lugar, indica-se o local e a data de publicação;

Em quinto lugar, coloca-se, se existir, uma nota adicional do documento;

Em sexto lugar, identifica-se o assunto da obra;

Em sétimo lugar, coloca-se a assinatura do bibliotecário que fez a descrição do documento.

Caso seja necessário introduzir alguma alteração por outro bibliotecário, este terá de adicionar a sua assinatura ao registo bibliográfico.

Na edição de um registo bibliográfico, podemos editar e aditar vários campos:

- O Campo 020 para os números normalizados (**ISBN/ISSN**);
- Os campos 080 **CDU** (que é inserida da seguinte forma com notação principal |x |2 **BN**, |z **por**);
- O campo 100 **Autor**;
- O campo 245 **Título**;
- O campo 250 **Edição**;
- O campo 260 **Publicação** (editor, local de edição e ano de publicação);
- O campo da 300 **Descrição**;
- O campo 500 **Nota**;
- Os campos 650 **Assunto** (neste caso pode existir mais do que um assunto);
- O campo 700 **Outro Autor** (caso exista);
- O campo 907 **Misc.** (a assinatura do bibliotecário que descreveu a obra).

Podemos também editar o cabeçalho do registo, que não se visiona na figura 4 (mas sim, por exemplo, na figura 4).

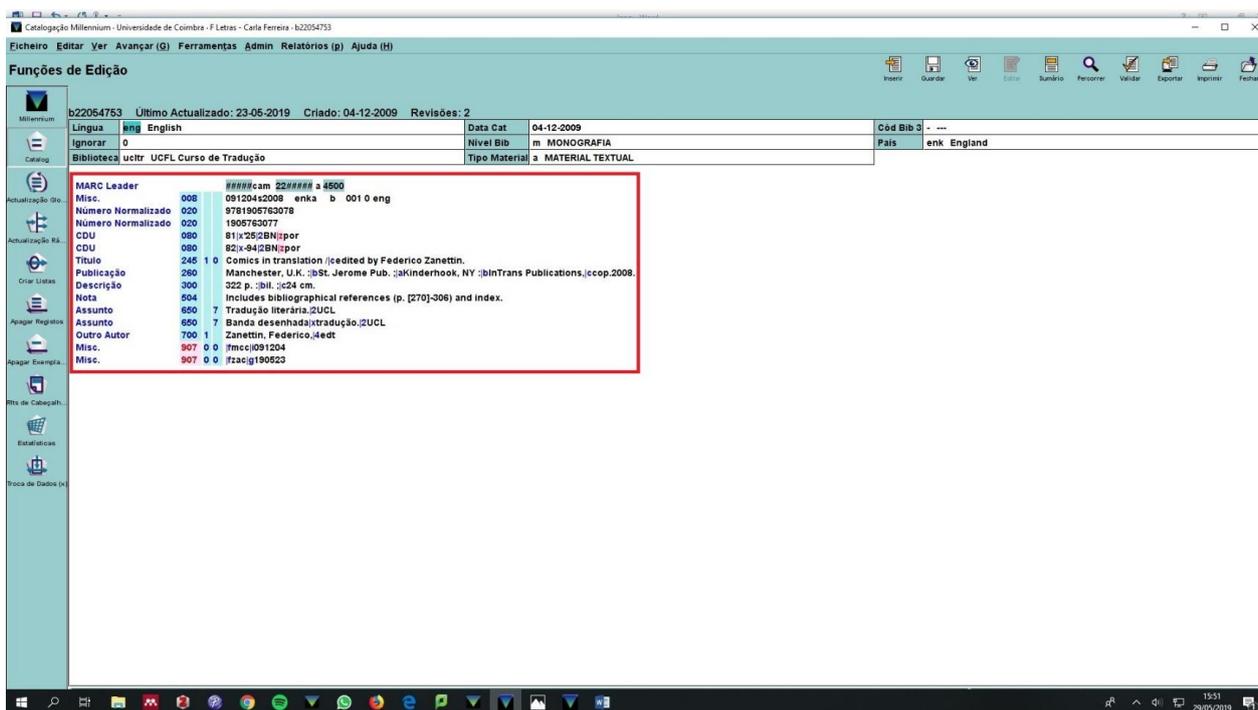


Figura 4 – A descrição dos campos de um registo

Fonte: (SIIB/UC)

a) Os campos “Número Normalizado” (020) correspondem ao número atribuído à obra descrita, este número é único e só corresponde a uma obra (ISBN). Este número foi criado em 2001 no Canadá. Neste primeiro campo o ISBN de 13 dígitos (porque o item descrito foi publicado depois de 1 de janeiro de 2007) e o segundo campo é o ISBN de 10 dígitos (porque o item descrito foi publicado antes de 1 de janeiro de 2007). A partir de 1 de janeiro de 2007, o ISBN passou a ser constituído por treze dígitos, em vez de dez. Para diferenciá-los, escreve-se ISBN-10: anterior a 1 de janeiro de 2007 e ISBN- 13: de 1 de janeiro de 2007 em diante. Por este motivo, coloca-se, por vezes, dois ISBNs no campo de exemplar, pois os exemplares podem ter o ISBN de 2007 ou o ISBN de 2013.

b) O campo CDU (080) é a classificação atribuída à obra pelo bibliotecário e é a partir deste que se pode atribuir este campo, que pode ser adicionado várias vezes dependendo de o assunto da obra ser mais ou menos complexo. A notação da CDU neste campo é dividida por |x, |z e |2; (o |x serve para separar a notação principal dos auxiliares; o |z serve para colocar indicar a língua da CDU (português); e o |2 serve para colocar a edição da CDU utilizada. Ou seja, a tradução da Biblioteca Nacional de Portugal).

- c) O campo **Autor (100)** é o campo onde se coloca o autor da obra descrita.
- d) O campo **Título (245)** é o campo onde se coloca o título da obra descrita.
- e) O campo **Publicação (260)** é o campo onde se regista o local, a data de edição e o editor da obra.
- f) O campo **Descrição (300)** é a descrição física (número de páginas e medição da lombada do livro).
- g) O campo **Nota (500)** é um campo atribuído, se a descrição o permitir e for necessária para a compreensão do registo por parte do utilizador. Campo que indica por exemplo, se a obra tem bibliografia ou índices e as páginas onde se localiza.
- h) O primeiro campo **Assunto (650)** da obra é o conteúdo/conteúdos da própria obra, neste exemplo o assunto é tradução literária.
- i) O segundo campo de **Assunto (650)** é banda desenhada, ou seja, é o género literário que está a ser analisado.
- j) Outro **Autor (700)**, caso exista, coloca-se num campo à parte.
- l) **Misc. (907)** é a assinatura digital preenchida pelo bibliotecário. O MARC 21 só consegue ler este campo com os números 907, podendo ter mais do que uma assinatura. Ou seja, dependendo de quem modifica o registo, a assinatura digital atribuída é diferente.

Como exemplo, ao introduzirmos o código MARC21 080, o software assume automaticamente a correspondência do campo pretendido. Neste caso será o campo CDU.

### 3.4- Edição dos campos de classificação no registo bibliográfico

No campo do registo bibliográfico destinado à notação (Campo 080), introduzia-se então a notação da CDU que representava o assunto do documento, no caso de ainda não estar atribuída ou, se tivesse de ser alterada, atualizava-a conforme a edição de 2005 da CDU.

Assim, umas vezes a classificação foi apenas atualizada no documento, nas outras houve necessidade de proceder à classificação desde o início (figura 5).

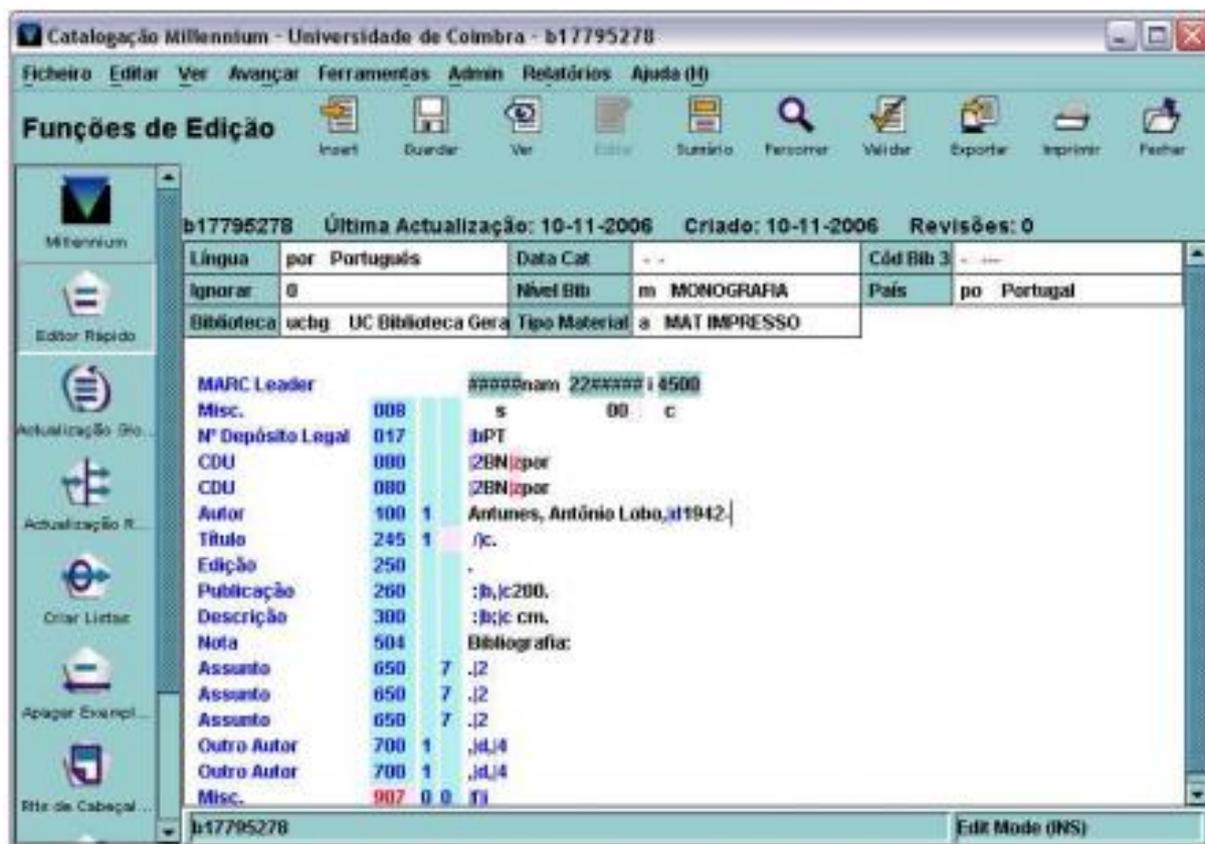


Figura 5 – Edição dos campos: registo bibliográfico

Fonte: (SIIB/UC)

As notações não foram todas colocadas na edição mais recente da CDU, ou seja a edição de 2005. Apenas as notações que pertenciam à classe 8.

Selecionava-se o comando “inserir”, depois introduzia-se a classificação correta no campo 080 de CDU, por fim, gravava-se a introdução desse mesmo campo.

### 3.5- Campos preenchidos

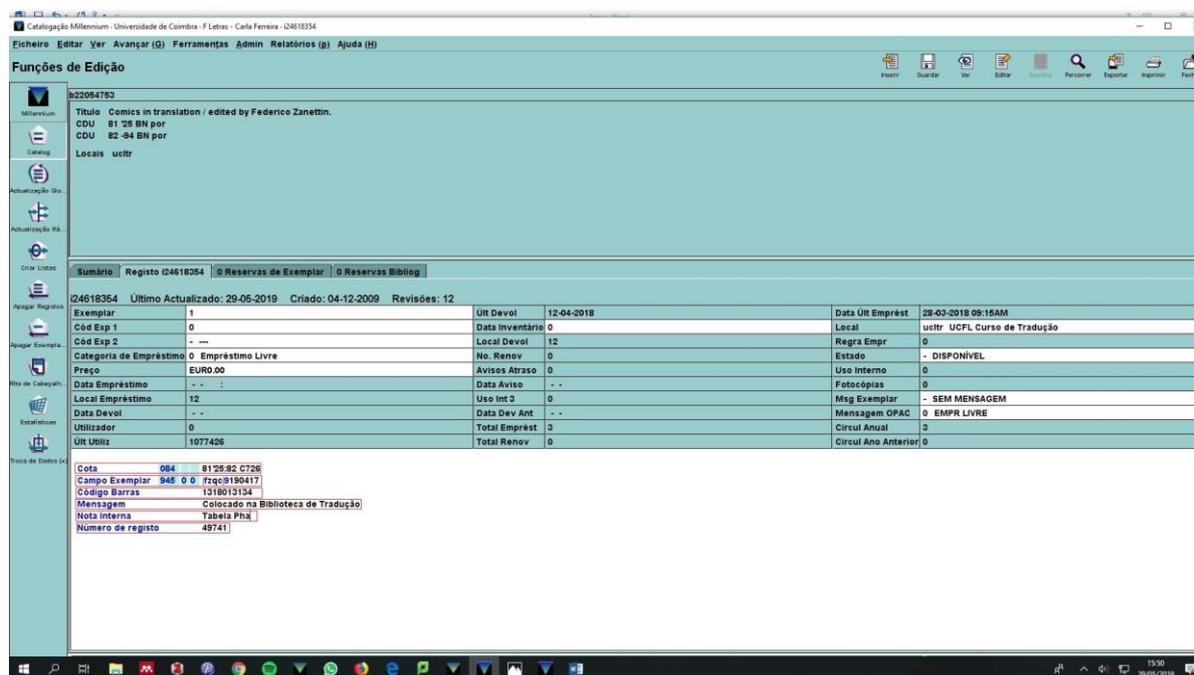


Figura 6 – Funções de edição de um documento: registo de exemplar

Fonte: (SIIB/UC)

Na figura 6 está referido um registo de exemplar, onde existem vários campos, que se preenchem com informação sobre o exemplar descrito. Nesta imagem estão destacados vários campos atribuídos. São eles:

- O campo **Cota (084)**, onde é atribuída notação da CDU sem separações entre os auxiliares e o código da Tabela Pha;
- O **Campo Exemplar (945)** onde é atribuída a assinatura do bibliotecário responsável pela descrição dos campos;
- O campo **Código de Barras** é atribuído automaticamente, pois quando o exemplar é registado no sistema, este aparece no registo de exemplar;
- No campo **Mensagem**, coloca-se a localização do exemplar descrito, ou seja o local da FLUC onde o documento está arrumado (no caso deste exemplo é a Biblioteca de Tradução);
- No campo **Nota Interna**, insere-se o instrumento utilizado para além da CDU, neste caso a Tabela Pha, que foi o instrumento utilizado no trabalho projeto;

f) O campo **Número do Registo** aparece automaticamente e corresponde ao número de registo atribuído ao exemplar, segundo o inventário dessa biblioteca.

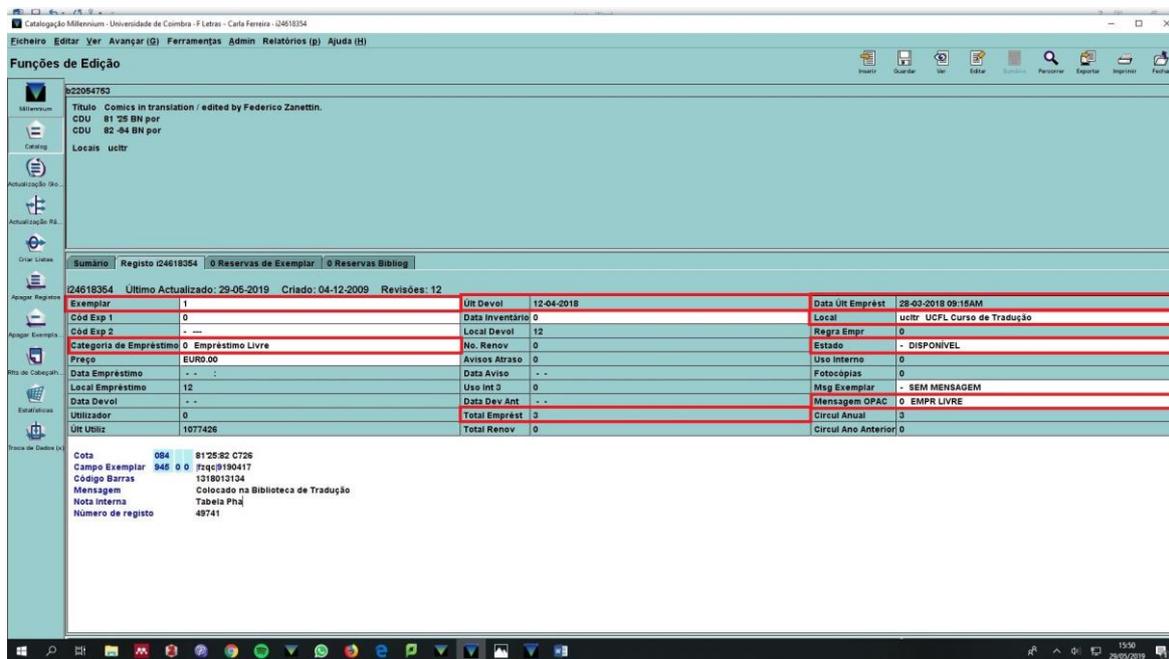


Figura 7 - Preenchimento dos campos de empréstimo: registo de exemplar

Fonte: (SIIB/UC)

Por último (figura 7), foram atualizados os seguintes campos do registo de exemplar: No **Campo Exemplar**, coloca-se o número do exemplar de acordo com o número de existências no catálogo;

- a) No campo **Categoria de Empréstimo**, coloca-se a tipologia de empréstimo, dependendo do exemplar que se está a descrever (**5- não autorizado; 0- empréstimo livre; 1- empréstimo curto**) — este campo será também visualizado, no webopac, pelo utilizador;
- b) No campo **Última Devolução**, é colocada automaticamente a data da última devolução de requisição do exemplar;
- c) O campo **Total de Empréstimos** refere o número de vezes que o exemplar foi requisitado;
- d) No campo **Data do Último Empréstimo** é atribuída automaticamente a data e a hora em que o exemplar foi emprestado pela última vez — este campo é modificado

automaticamente quando é, novamente emprestado o exemplar a um utilizador, logo a data será sempre alterada;

- e) No campo **Local**, inserem-se as iniciais (**ucltr - UCFL Curso de Tradução**) que correspondem à localização do exemplar na Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras, Secção de Tradução;
- f) No campo **Estado**, relativo ao empréstimo, insere-se o tipo de disponibilidade do exemplar para empréstimo (Disponível; Emprestado) — por defeito, o sistema apresenta **Disponível**;
- g) O campo **Mensagem OPAC** é preenchido com a mesma informação que o campo empréstimo, pois esta informação é a disponibilizada aos utilizadores, exceto no **Empréstimo Prolongado -10**.
- h) Imaginemos que havia um caso em que o primeiro exemplar existia na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Apesar de no acervo bibliográfico da biblioteca da Faculdade de Letras existir apenas uma obra, ao ser inserido no campo **Exemplar**, seria o número 2, por já haver outro exemplar descrito anteriormente pela Biblioteca Geral. O empréstimo será não autorizado, se existir apenas um exemplar nas bibliotecas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Se existir mais do que um, um fica em empréstimo autorizado e o outro em empréstimo não autorizado. Se forem dicionários, enciclopédias ou teses, põe-se sempre empréstimo não autorizado, quer haja um item ou mais do que um no acervo da Biblioteca da Faculdade de Letras, ou mesmo havendo noutras bibliotecas.

**Exemplo:**

Caso existam dois exemplares do livro *Comics in Translation*, editado por Frederico Zanettin, ao abrir um dos registos para o completar, observa-se o seguinte processo:

- i) No campo exemplar, coloca-se o número 1;
- j) Na categoria de empréstimo, coloca-se empréstimo livre;
- k) Na mensagem OPAC também se coloca empréstimo livre;
- l) No Local, coloca-se Biblioteca de Tradução.

Isto, apenas no 1º exemplar. No segundo exemplar, a única alteração a fazer é colocar “empréstimo não autorizado” na mensagem OPAC e na categoria de empréstimo.

## **4. Os processos de atribuição das cotas**

### **4.1- Instrumentos utilizados (CDU de 1990 e de 2005 e a Tabela PHA)**

No trabalho projeto utilizámos para a atribuição de cotas duas edições da CDU distintas: a CDU de 1990 para a classe 8, apenas para as Línguas e Literaturas, pois a notação atribuída é menos extensa. Para as restantes classes, utilizámos a edição de 2005 da CDU, pois em muitos casos torna a notação mais curta do que a CDU de 1990.

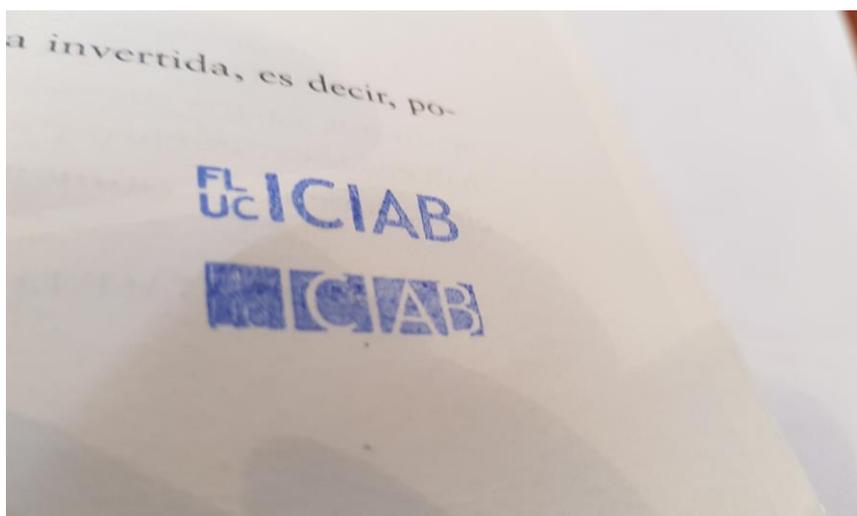
### **4.2- Como foi criada a cota**

A cota é o código numérico e/ou alfanumérico que facilita a identificação e a localização de um documento para além de estabelecer uma ligação entre os dados relativos ao documento (descrição bibliográfica) e o documento arrumado na estante. A arrumação dos documentos é feita de acordo com uma ordem lógica, que decorre do assunto e dos códigos numéricos usados. (Rede de Bibliotecas de Cantanhede, 2010).

Depois de se atribuir à obra a notação da CDU, ter-se-á que colocar a Tabela Pha e o volume/exemplar correspondente, caso seja necessário. No caso de a CDU necessitar de um auxiliar de forma, as recomendações dos SBD é, para os auxiliares de forma (03...), que surjam em primeiro lugar. No caso de a obra a classificar ter outros auxiliares, que não o auxiliar de forma, então estes irão depois da classificação principal.

Após o preenchimento dos campos, imprime-se a cota alterada e coloca-se na lombada. Além de colocar a cota na lombada, a mesma tem de ser escrita a lápis na folha de rosto junto ao carimbo (figura 8) de posse. Coloca-se também o carimbo da biblioteca na folha de rosto e escreve-se, a caneta, o número do registo do exemplar, carimbando também a página 33 e a última página do exemplar. Nas publicações periódicas não se cola cotas. No livro Antigo e Reservado as cotas são colocadas suspensas, coladas em post-its.

Por exemplo:



**Figura 8 - Exemplo de um carimbo num livro da Biblioteca de Ciência da Informação da FLUC**

**Fonte:** (Elaboração do autor)

Ao imprimir a etiqueta com a cota correspondente, esta é colada na lombada do documento com dois tipos de fitas: se, no registo de exemplar, o exemplar estiver em empréstimo livre, a etiqueta a colocar no exemplar é transparente; no caso de o empréstimo ser não autorizado, a etiqueta a colar a colocar no exemplar é de cor vermelha transparente. A arrumação na estante é feita de acordo com a classificação atribuída ao exemplar. Se existirem duas obras com a mesma CDU, mas com códigos da Tabela Pha diferentes, põem-se os dois na mesma prateleira da estante, respeitando a ordem da Tabela Pha. Como têm os códigos da Tabela Pha diferenciados, consegue-se arrumar na estante o mesmo assunto, tendo a mesma CDU atribuída, diferenciando-o através do código de autor da Tabela Pha.

A Classificação atribuída a um registo bibliográfico, apesar de pertencer ao acervo documental da tradução, pode não ser apenas sobre linguística e literatura. Por este motivo é necessário ir sempre ao registo bibliográfico ver o assunto de que a obra trata, pois pode não ser só sobre tradução. Numa obra em que o assunto tradução de termos se relaciona com economia, a notação principal é economia e estabelece-se uma relação entre tradução e economia: 81'25:33.

**Por exemplo:**

**(031)0/9**

**V585**

**v. 2.**

Esta enciclopédia é uma enciclopédia da Verbo, por isso, a Tabela Pha é V585. V (Verb) e 585 código da Tabela Pha. Como não existe a palavra completa na Tabela Pha, ter-se-á que colocar o código do vocábulo mais próximo, neste caso de Verbo.

Nestes casos, de enciclopédias e dicionários, procede-se da seguinte forma:

Em primeiro lugar, o auxiliar de forma; em segundo, a notação correspondente — no caso dos dicionários tem que se acrescentar, se estes forem de tradução, as línguas traduzidas com o auxiliar A/Z. No caso de existir mais do que um exemplar, ou caso estejam divididos por volumes, põe-se no final da cota, o volume ou o número de exemplar correspondente.

**Por exemplo:**

Textos de um dicionário português -alemão: 806.90 e, na Tabela Pha, por-ger em vez de 821.134.3:821.112.2, que seria a notação correspondente à CDU de 2005. Pois esta segunda notação ficaria muito grande e, além disso, ultrapassaria o limite de dígitos a colocar numa cota do registo de exemplar estipulado pelas normas dos SBD-FLUC.

Na biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, foram atribuídas cotas específicas para alguns assuntos existentes na Biblioteca, como por exemplo:

As traduções de obras literárias eram atribuídas as cotas 81'25:82, que corresponde na CDU de 2005 a traduções literárias;

Traduções de obras infantis cuja notação era 81'25:087.5;

Traduções audiovisuais cuja notação correspondente na CDU de 2005 era a notação era 81'25:654, entre muitas outras classificações.

Estas classificações foram-nos facultadas a partir de um documento Word, por estas classificações serem muito utilizadas nesta biblioteca e, por esse motivo, existia um documento impresso, onde estas notações estavam colocadas. Visto que a maior parte das notações não serem sobre literatura ou linguística, era utilizada a versão mais recente da CDU. Além disso, estas notações eram as mais frequentes na biblioteca da FLUC.

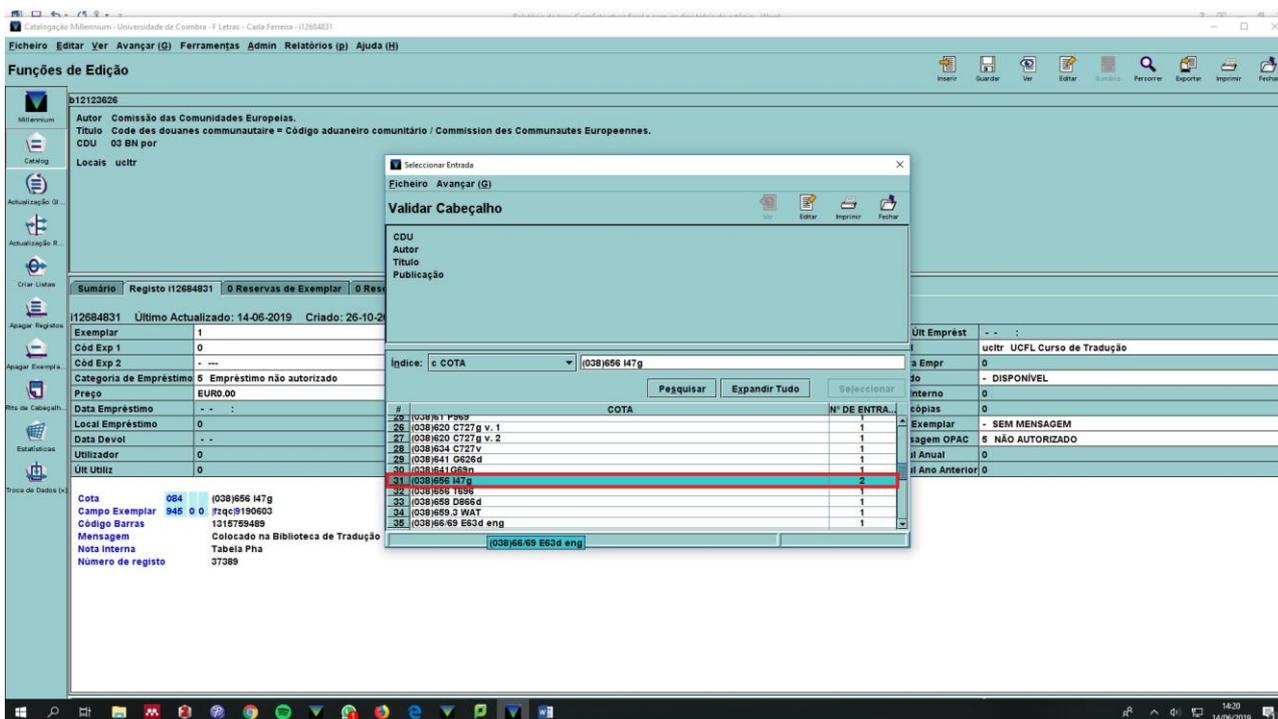
### 4.3- Atribuição da cota no registo bibliográfico

Uma cota completa inclui a notação da CDU e o código da Tabela Pha.

Para se proceder às alterações correspondentes numa cota tem de se introduzir vários elementos.

Introduz-se a notação correspondente ao exemplar a ser descrito:

Para realizarmos este procedimento, atribuímos a cota correspondente ao assunto da obra e fazemos *control+c* (copiar) e, de seguida, *control+v* (colar) de seguida, valida-se a cota, fazendo *control+g*, para se certificar que não existe no catálogo bibliográfico outra cota igual. Como dito anteriormente, ao atribuímos uma cota a um exemplar temos de verificar se a mesma não está já inserida no sistema. Quando existe outro exemplar com a mesma cota, ao validar-se o cabeçalho, aparece na caixa de texto que a cota “(038) 656 I47g” tem dois números de entrada, existindo assim dois exemplares com a mesma cota, tal como indica a imagem abaixo. Neste caso, é preciso adicionar um elemento diferenciador.



**Figura 9 - Exemplo de uma cota já existente, quando se valida o cabeçalho da cota exemplar descrito**

Fonte: (SIIB/UC)

Quando estamos a inserir uma cota pela primeira vez (figura 9), ao validar o cabeçalho aparece na caixa de texto que a cota “(038)656 C727c” tem apenas um número de entrada, sendo este assinalado a vermelho. Neste caso, mantém-se a cota atribuída inicialmente.

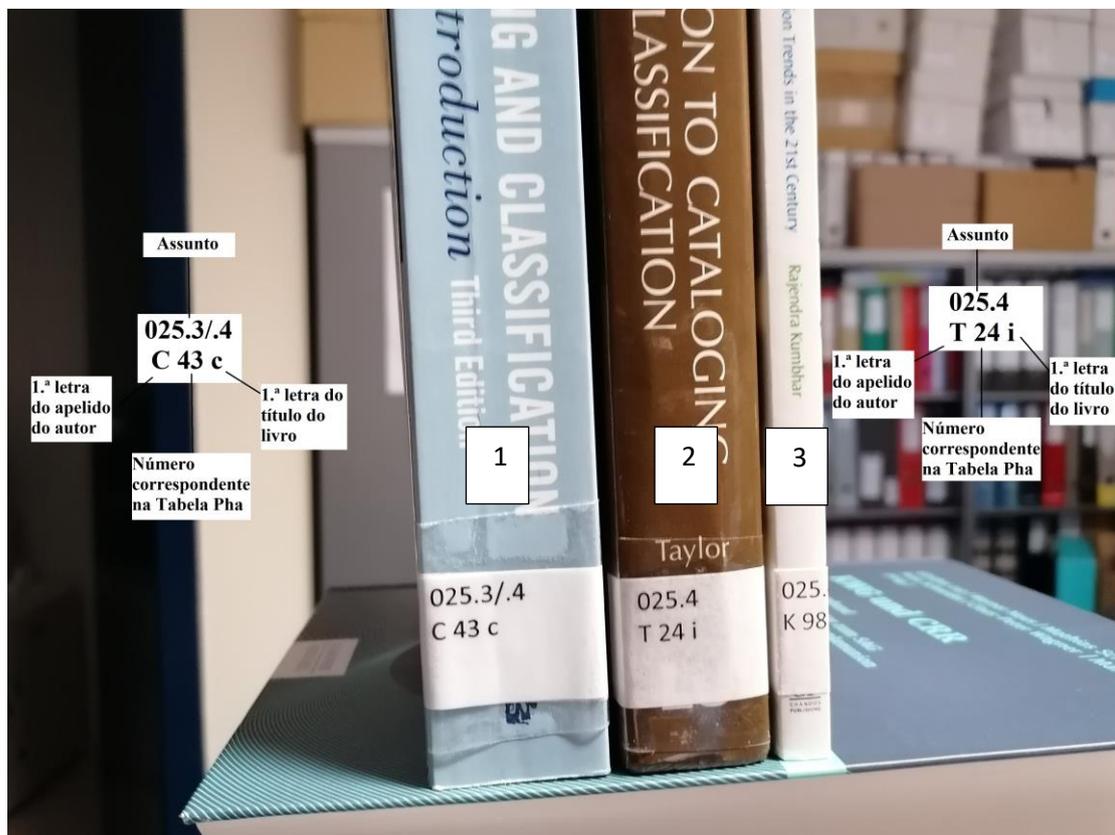


Figura 10 - Etiqueta da cota de um exemplar com a CDU e a Tabela Pha

Fonte: (Elaboração do autor)

As legendas da Figura 10 descrevem o seguinte:

Na cota descrita no primeiro livro 025.3/.4, temos uma representação do assunto segundo a CDU. A primeira letra em maiúsculas **C** (**Chan**) da cota corresponde ao apelido do autor em questão; o número correspondente ao apelido do autor segundo a Tabela Pha (**43 - Chan**). De seguida, a primeira letra do título em minúscula **c** (**Classification**).

No segundo livro, a cota 025.4, temos o assunto segundo a CDU e, de seguida, a primeira letra do autor em maiúscula **T** (**Taylor**), o número correspondente na Tabela Pha (**24 - Taylor**) e a

primeira letra do título em minúscula **i (Introduction)**. Este exemplo permite evidenciar a importância da Tabela Pha para diferenciar o mesmo assunto, individualizando-o.

Depois de elaborada a cota, ela era introduzida no registo de exemplar no Campo 084 Cota. Além disso, introduzia também os campos “Mensagem”, “Nota Interna” e “Misc”.

Coloca-se a Nota Interna para dar a conhecer aos técnicos que ferramentas adicionais foram utilizadas para a criação da cota do livro e uma Mensagem que indica a sala do depósito da biblioteca se encontrava o livro. A mensagem era atribuída para que o utilizador soubesse onde se encontrava colocado o documento descrito. Por fim, o campo “Misc” servia para que se soubesse quem atribuiu cota ao documento em causa.

Para não escrever repetidamente o mesmo conteúdo no registo ao longo de uma sessão de trabalho, é possível criar uma ou mais frases que se repetem em todos os registos em que se vai trabalhar, clicando Editar e de seguida em **Frases de Substituição**. Depois, coloca-se em modo temporário, inserindo as mensagens respetivas e guardando-as no sistema:

1. No campo “Mensagem”, através do comando “%0”, surgia “Colocado na Biblioteca de Tradução”;
2. No campo “Nota interna”, através do comando “%1”, surgia “Tabela Pha”;
3. Por outro lado, no campo “Misc”, através do comando “%2”, aparecia a assinatura do bibliotecário e a data correspondente à realização do registo (ano, mês e dia).

Com estas mensagens predefinidas, o preenchimento automático dos campos tornava-se mais rápido e também mais seguro, visto que não existia o risco de um qualquer erro ou lapso no preenchimento por parte do bibliotecário.

#### 4.4- Inversão dos auxiliares na cota

Quando a notação tem um auxiliar de forma, a biblioteca instituiu a seguinte medida: colocar o auxiliar de forma no início da notação, para que as obras de referência estejam arrumadas, fisicamente, na mesma estante do depósito. Mas, pode acontecer não existir espaço na mesma estante para demasiadas obras com a mesma cota atribuída. Neste caso as obras seguintes dispõem-se segundo a mesma lógica de arrumação, mas na primeira prateleira da estante do depósito imediatamente a seguir à que já está completa de exemplares. Os auxiliares comuns, de língua, de lugar, de raça, grupo étnico e nacionalidade, auxiliares comuns de tempo auxiliares comuns de características gerais, auxiliares comuns de materiais, auxiliares comuns de pessoas e características pessoais e auxiliares especiais obedecem à disposição convencional da CDU. (Campos, 2017).

#### **Exemplos de uma cota com auxiliar de forma:**

Dicionário de inglês- português de Armando de Moraes-

(038)802.0

eng-por

M825d.

Dicionário de língua portuguesa

Classificação:

(038)806.90

D542

por

Entre os auxiliares de forma e a notação principal não existe espaço.

Como a entrada principal de um dicionário pode não ser o autor, a numeração da Tabela Pha é feita a partir do “título da obra” (dicionário) e o código correspondente na tabela (542-Dican): visto que não existe um código correspondente ao vocábulo dicionário, terá que se atribuir um código mais próximo na tabela Pha.

A Tabela Pha também atribui um código para numerar os exemplares existentes numa biblioteca, caso exista mais do que um: e.1, e.2, (exemplar 1, exemplar 2, ...) e assim sucessivamente. Ou seja, o facto de existir mais do que um exemplar da mesma obra não impede que todos tenham a mesma cota (CDU e Tabela Pha), apenas se distinguindo pela referência ex.

**Exemplo:**

(038)806.90

D542

por-eng

Este é um dicionário de português para inglês.

Exemplo de um dicionário de inglês - português; português - inglês

(038)802.0

D542

eng-por; por- eng.

Outro exemplo muito frequente nesta biblioteca são as enciclopédias que se classificam como (031) e a classificação correspondente ao assunto que esta trata.

As enciclopédias, como tratam de um conjunto vasto de assuntos, classificam-se, em primeiro lugar, com o auxiliar de forma, correspondente a enciclopédia, e, de seguida, com a classificação de assuntos. Caso se trate de uma enciclopédia cujo conteúdo não é limitado, versando todos os assuntos, então coloca-se 0/9. Como a entrada principal para as enciclopédias pode também não ser por autor, o código da Tabela Pha entra pelo título da enciclopédia.

#### **4.5- A arrumação dos documentos com a mesma CDU em livre acesso**

Caso existam dois exemplares com a mesma CDU, a arrumação é feita em livre acesso segundo as regras estabelecidas pelos SBD-FLUC. Para sabermos qual o exemplar com a mesma CDU que é arrumado em primeiro lugar no depósito, ter-se-á que verificar, na lombada do exemplar, com que letra começa o código da Tabela Pha atribuído no registo. Se na Tabela Pha a letra atribuída for a primeira letra na sequência alfabética, então o exemplar com essa letra ficará em

primeiro lugar na estante do depósito e, logicamente, o documento que tem a letra seguinte virá mais adiante na arrumação em livre acesso.

Nos SBD-FLUC, a utilização da Tabela Pha foi a estratégia utilizada para se obter uma arrumação em livre acesso, sempre devidamente organizada. A aquisição de novos livros e a classificação de livros ainda não inseridos não obsta à sua arrumação devidamente ordenada. Não existe uma colocação predeterminada, ao invés ela é estabelecida por relação. Cada novo livro (novo registo) é colocado na sequência CDU + Tabela Pha, o que implica que o novo livro seja arrumado junto de outros do mesmo assunto, possivelmente do mesmo autor ou de um autor cujo apelido é próximo. Assim, a colocação corresponde, de certo modo, a um “centro de interesses” — porque é atribuído o assunto, em primeiro lugar, respeitante à CDU e tem um critério de arrumação, que é o da ordenação alfabética do apelido do autor e, de seguida, do título da obra.

#### **4.6- Regras para a arrumação dos documentos na sala**

Na Sala da Biblioteca de Tradução, a arrumação é feita por assunto conforme a CDU e de seguida pela Tabela Pha. Como existem muitos livros com o mesmo assunto no depósito da biblioteca, recorre-se à sequência de letras atribuídas na Tabela Pha, para que os livros sobre os mesmos assuntos estejam todos juntos e ordenados alfabeticamente, por apelido do autor e, dentro do mesmo assunto, pelo título da obra.

Por exemplo: **72 A43c; 72 G54f.**

Estes são dois exemplares com a mesma notação, mas com códigos da Tabela Pha diferentes. A ordem pela qual são arrumados os exemplares no depósito é a seguinte: em primeiro lugar, irá o exemplar com a primeira notação e, seguidamente, o documento com o código da Tabela Pha que tem a letra mais longínqua alfabeticamente.

#### 4.7- CDU: edições utilizadas e fundamento

Na edição de 1990, as notações para as línguas e as literaturas contêm menos dígitos, não chegando a completar o máximo de dígitos estabelecidos pelos SBD-FLUC para a atribuição de cotas. Uma vez que se terá que colocar na notação, como já referimos anteriormente, o código correspondente na Tabela Pha, se se atribuíssem todas as notações na edição de 2005, as cotas correspondentes às Línguas e Literaturas ficariam demasiado extensas. A CDU de 1990 tem uma notação mais curta para os assuntos respeitante às línguas e às literaturas, como se tem que colocar o código da Tabela Pha no seguimento desta notação, é vantajoso utilizar a CDU de 1990, em vez da CDU de 2005, pois ficaria demasiado longa, aquando da atribuição da Tabela Pha, na cota respetiva. A Tabela Pha complementa a codificação da CDU e ajuda a individualizar os assuntos das obras, seja por autor, por título ou por assunto da mesma. Para se atribuir uma cota tem que se ter em atenção as entradas dos códigos da Tabela Pha para autores/títulos e ir sempre ao código mais próximo da entrada do autor do registo bibliográfico ou título, se essa for a entrada principal. (Soares, 2017)

Por exemplo, para uma obra sobre Economia, era atribuída a notação da CDU de 2005 (**33**), mas às obras de Literatura Inglesa era atribuída a notação da CDU de 1990 (**820**).

## **Dificuldades sentidas**

Com a realização deste trabalho projeto, compreendemos as dificuldades de trabalhar como bibliotecário.

As principais dificuldades que sentimos neste trabalho projeto residiram na utilização do Sistema Integrado de Gestão de Bibliotecas, apesar de conhecermos na teoria como este Software funcionava e para que servia- na prática, foi muito mais complexa a sua utilização.

Outro ponto onde também sentimos dificuldades foi na utilização de duas edições da CDU distintas, a de 1990 para a Classe 8 (apenas para as Línguas e Literaturas) e da versão mais recente, a CDU de 2005, para as restantes notações.

A utilização da Tabela Pha para completar as notações foi outra das dificuldades sentidas, pois é um instrumento que tem de ser regularmente consultado devido à sua complexidade, não sendo um auxiliar de classificação que se consiga decorar. A principal dificuldade, sentida no início do trabalho projeto quando não estávamos ainda familiarizados com a Tabela Pha, foi conseguir utilizar devidamente o código do autor, que não corresponde necessariamente, apenas, à primeira letra do seu apelido. Numa fase inicial, por falta de familiarização com a Tabela Pha, também foi comum não aditar a letra identificadora do título da obra (minúscula no final do código): não conhecíamos suficientemente bem o funcionamento da Tabela Pha.

A introdução automática do exemplar no sistema foi um dos pontos que não compreendemos desde logo como funcionava, isto é, quando introduzíamos o exemplar pelo código de barras, com o uso da caneta ótica de leitura, a picagem do exemplar era feita através do código de barras atribuído pela Biblioteca e não pelo ISBN.

Outra das dificuldades foi termos em conta, indevidamente, a descrição física da obra para a atribuição da notação, em vez de considerar o assunto da obra. Neste ponto olhávamos apenas para o título da obra e colocávamos diretamente no campo exemplar, a CDU. Claro que esta forma podia estar correta devido ao raciocínio feito através da informação obtida, mas, muitas vezes, essa informação não estava relacionada com o assunto real da obra em questão. Por exemplo, a obra poderia chamar-se “Bichos” e não ter a ver com ciências naturais. Como é o caso da obra “Bichos” de Miguel Torga. Logo, se não tivéssemos em conta o assunto da obra, poderíamos colocá-la, por exemplo, com a notação 562/569 Paleozoologia Sistemática. Por este

motivo é importante e necessário que se tenha em atenção não só o título da obra, mas também os assuntos colocados no campo exemplar — neste caso, a notação atribuída a este exemplar seria **821.134.3** que corresponde a **Literatura Portuguesa**.

Estas foram algumas das dificuldades que sentimos ao longo deste trabalho projeto, todas elas de nível prático devido à utilização dos vários instrumentos de classificação e do Sistema Integrado de Gestão de Bibliotecas Millennium. Pois a adaptação à biblioteca e a todos os profissionais correu bastante bem, fomos muito bem acolhidos e recebidos sempre com todo o apoio e ajuda por parte dos mesmos.

## Conclusão

Com a realização deste trabalho projeto tivemos uma percepção do que é o ambiente de uma biblioteca e do trabalho a desenvolver na mesma. Tanto a nível de convivência com as técnicas dos SBD- FLUC, como também com os horários a cumprir para a realização do trabalho.

Também aperfeiçoámos (e muito) os conhecimentos obtidos durante o curso de Ciência da Informação. Neste ponto, podemos salientar a aprendizagem em termos da utilização de variadas ferramentas. Começando pelo Millennium, que apesar de já termos estudado no Curso, nunca tivemos um contacto prático intenso em ambiente de trabalho em uma biblioteca. Assim, este trabalho projeto deu-nos esta mais-valia. Também aprofundámos o conhecimento da CDU, principalmente no que diz respeito à utilização de duas versões da mesma, apesar de sabermos utilizar esta ferramenta, pois o curso tem cadeiras práticas sobre esta matéria. Mas, com a prática, e perante as questões que iam sendo colocadas, aprofundámos o nosso conhecimento.

Quanto à ferramenta chamada Tabela Pha, não a conhecíamos. Por este motivo, foi uma mais-valia para o nosso conhecimento profissional. Este trabalho projeto não só nos deu a conhecer esta ferramenta, como nos ensinou a introduzir a cota de uma obra.

A classificação de um livro não é tão linear como se pensa. Ou seja, com este trabalho projeto também aprendemos a utilizar a CDU, de uma forma mais sucinta, para que a notação atribuída a um documento possa ser menos extensa.

No que toca ao trabalho de classificação realizado com o software dos SBD-FLUC é de simples explicação, no que respeita à entrada no sistema.

Quanto à sua utilização, existem várias etapas para se proceder à entrada no sistema:

- a) A primeira tem a ver com a entrada no sistema, que é feita, como refiro no capítulo 3.2, pelo Login e password do bibliotecário que utiliza o Software Millennium na biblioteca;
- b) A segunda tem a ver com a utilização das várias ferramentas do Software e também com a utilização dos campos, neste existente;
- c) A terceira etapa consiste no preenchimento dos campos;
- d) No campo exemplar existem diversos espaços a preencher, como já apresentei num dos capítulos deste trabalho projeto.

Quanto à rotina de um bibliotecário, esta tem várias vertentes, apesar de só termos estado em duas delas (classificação de obras e, posteriormente, a sua arrumação no depósito). Esta rotina prende-se com variadíssimas tarefas: a descrição física dos documentos, a classificação do documento, a tipologia de empréstimo, a tipologia de aquisição, a assinatura do bibliotecário, mensagens de outro tipo. Entre muitas outras tarefas. Para concluir, pretendemos seguir a área de biblioteconomia, pois este é o trabalho que nos daria mais prazer em praticar nos próximos anos profissionais.

A experiência que adquirimos ao longo do projeto demonstrou-nos que o trabalho exercido por um bibliotecário é um trabalho complexo, cujas tarefas diárias não são fáceis e lineares. Gerir e trabalhar em uma biblioteca tem inúmeros parâmetros, que só alguém com formação em biblioteconomia terá competência para aplicar. Um trabalho projeto realizado num dos SBD-FLUC faculta uma experiência, no nosso ponto de vista, mais real e com maior impacto na aprendizagem para um futuro profissional desta área.

A Biblioteconomia é uma área repleta de regras e de procedimentos, como fomos salientando ao longo do trabalho. O trabalho projeto que realizei nos SBD-FLUC deu-nos conhecimentos práticos a respeito do exercício das funções de bibliotecário, desde a utilização do Software de Catalogação Millennium, passando por instrumentos de classificação como as duas versões da CDU (1990 e 2005), e a Tabela Pha.

Dos objetivos a que nos propusemos cumprir ao longo deste trabalho projeto, quer no âmbito teórico, quer no âmbito prático, foram todos cumpridos de acordo com os requisitos previamente definidos para a realização deste trabalho, obedecendo, assim, às várias etapas, desde a contextualização dos temas tratados na parte teórica à explicação em detalhe do projeto realizado nos SBD-FLUC.

No âmbito da parte teórica, os nossos objetivos foram: definir o que eram classificações bibliográficas para nos debruçarmos, seguidamente, na explicação da Classificação Decimal Universal. Como funciona e de que forma deve ser aplicada na classificação de documentos. Como é o caso das Tabelas principais e Tabelas auxiliares da mesma.

Cumprimos com o objetivo de dar a conhecer a diferença entre arrumação física e arrumação intelectual, no que diz respeito ao trabalho desenvolvido por um bibliotecário. Neste aspeto, também explicámos de uma forma muito sucinta quais as restantes bibliotecas que tratavam a

documentação com a CDU, para além da BFLUC e as que não tratavam, dando exemplos elucidativos. Explicámos o instrumento da Tabela PHA utilizada na Biblioteca, para além da CDU, com a história e o funcionamento desta na classificação dos itens da biblioteca, bem como o porquê da sua utilização.

Demos a conhecer como era feita esta descrição e classificação dos documentos: as mensagens atribuídas e porquê; a classificação do documento. E como este formato funciona.

Com este trabalho, tentámos explicar como a Biblioteca de Tradução guardava os livros e como, também, conseguimos arrumar e classificar esses mesmos documentos, para que se pudessem arrumar nas estantes da sala. Qual a dimensão do seu espólio e como estava disposto na sala da biblioteca. Aprender a classificar os documentos com duas ferramentas.

No que toca à Tabela Pha, cumprimos dois objetivos separadamente: o de aprender este instrumento no projeto e, também, utilizá-lo corretamente na classificação total dos documentos.

Cumprimos estes objetivos, na medida em que conseguimos elaborar as tarefas propostas no trabalho projeto e, por este motivo, penso que cumprimos todos eles da mesma maneira, ao elaborar este trabalho.

Concluindo, com a realização deste projeto ficámos mais convictos de que a área de biblioteconomia é área que mais nos interessa em termos profissionais e que seria esta a profissão que pretendíamos exercer no futuro, pois foi uma experiência bastante enriquecedora a realização deste no SBD-FLUC, sendo completado pela elaboração deste trabalho projeto. Além de termos tido o gosto de trabalhar com uma equipa que, além de ser muito competente, recebeu-nos muito bem diariamente no serviço, fazendo-nos sentir parte deste grupo.

## Referências Bibliográficas

- Andrade, L. V., Bruna, D., Sales, W. N. de (2011). *Classificação: Uma análise comparativa entre a classificação decimal universal- CDU e a classificação decimal de Dewey- CDD*. Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, 25 (2), 31-42. Disponível em WWW: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/2088>.
- Barbosa, A. P. (1969). *Teoria e prática dos sistemas de classificação bibliográfica*. Rio de Janeiro: Ibict. Disponível em WWW: <https://livroaberto.ibict.br/handle/1/1001>
- Campos, Fernanda Maria Guedes de (2017). *O saber de António Ribeiro dos Santos na arrumação dos saberes da Real Biblioteca Pública da Corte, Cultura*, vol. 36. Disponível em WWW: <https://journals.openedition.org/cultura/3664>.
- Biblioteca Nacional de Portugal (2005). *Classificação Decimal Universal – CDU*. Disponível em WWW: [http://www.bnportugal.gov.pt/index.php?option=com\\_content&view=article&id=485%3Acd&catid=78%3Anormalizacao&Itemid=546&lang=pt](http://www.bnportugal.gov.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=485%3Acd&catid=78%3Anormalizacao&Itemid=546&lang=pt).
- Esteban Navarro, M. A. (1995). *Fundamentos epistemológicos de la clasificación documental*. Scire: Representación Y Organización Del Conocimiento. (ISSNe 2340-7042; ISSN 1135-3716), 1 (1), 81-101. Disponível em WWW: <https://www.iberid.eu/ojs/index.php/scire/article/view/1035/1017>.
- Gil Urdiciain, Blanca (1996). *Manual de lenguajes documentales*. Gijón: TREA.
- Gil Urdiciain, Blanca (2004). *Manual de lenguajes documentales*. Gijón: TREA.
- Guska, B. R. (2017). *Classificação Bibliográfica de Bliss*. Disponível em WWW: <https://analiseerepresentacaotematicadainformacao.files.wordpress.com/2017/02/classificac3a7c3a3o-bibliogrc3a1fica-de-bliss.pdf>.
- Lima, Izabel (2016). *Tabela PHA: história e modos de usar*. Disponível em WWW: <https://estatedebibliotecaria.wordpress.com/2016/05/24/tabela-pha-historia-e-modos-de-usar/>.

Lucas, E. R., Corrêa, E. C, Steindnel, G. (2016). *As contribuições de Ranganathan para a Biblioteconomia: reflexões e desafios*. São Paulo: FEBAB. Disponível em WWW: [https://www.researchgate.net/publication/305399812\\_As\\_contribuicoes\\_de\\_Ranganathan\\_para\\_a\\_Biblioteconomia\\_Reflexoes\\_e\\_desafios](https://www.researchgate.net/publication/305399812_As_contribuicoes_de_Ranganathan_para_a_Biblioteconomia_Reflexoes_e_desafios).

Martins, M. C. B. (2014). *Indexação e controlo das bibliotecas do ensino superior politécnico de Portugal: o sistema no Instituto Politécnico de Portalegre* (Dissertação de Doutoramento, Universidade de Salamanca). Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca. Disponível em WWW: <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/7171>.

Moreno Fernández, L. M., Borgoñós Martínez, M. D. (2002). *Teoría y práctica de la Clasificación Decimal Universal (CDU)*. 2.<sup>a</sup> ed. rev, corr. y ampl., Gijón: Ediciones Trea.

Piedade, M. R. (1977). *Introdução a teoria da classificação*. Rio de Janeiro: Interciência. Disponível em WWW: <https://docero.com.br/doc/nn00n88>

Prado, H. A. (1984). *Tabela “Pha”: para individualizar os autores dentro das diversas classes de assunto, isto é, dentro dos mesmos números de classificação*. 3. ed. rev. São Paulo: T. A.

Rede de Bibliotecas de Cantanhede (2010). *Manual de Procedimentos*. Cantanhede. Disponível em WWW: [http://www.cm-cantanhede.pt/rbc/Docs/Files/RBC\\_Manual\\_de\\_Procedimentos.pdf](http://www.cm-cantanhede.pt/rbc/Docs/Files/RBC_Manual_de_Procedimentos.pdf).

Santos, M. N. (2011). *O número de chamada: endereço dos recursos bibliográficos*. Vitória. Disponível em WWW: [http://www.biblioteconomia.ufes.br/sites/biblioteconomia.ufes.br/files/field/anexo/2\\_1\\_0\\_NoChamada.pdf](http://www.biblioteconomia.ufes.br/sites/biblioteconomia.ufes.br/files/field/anexo/2_1_0_NoChamada.pdf).

Serviços de Biblioteca e Documentação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. SBD – Serviços de Biblioteca e Documentação da FLUC. Disponível em WWW: <https://www.uc.pt/fluc/biblioteca>.

- Simões, M. G., Migueis, A. M. (2001). *A arrumação nas Bibliotecas Públicas: Classificação Versus “Centros de Interesse”*, 7, 15-19. Disponível em WWW:  
<https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/13997/1/Arruma%C3%A7%C3%A3o%20bibliotecas%20p%C3%BAblicas.pdf>.
- Simões, M. G. (2011). *Classificações bibliográficas: Percurso de uma teoria*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Simões, M. G., Rodriguez- Bravo, B., Ferreira, C. (coord.). (2018). *Dos princípios da classificação decimal universal: a uma prática normalizada*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Soares, F. (2017). *Tabela PHA: Uma introdução*. Disponível em WWW:  
<https://portaldobibliotecario.com/biblioteca/tabela-pha-uma-introducao/>.
- TABELA DE CUTTER. In WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em WWW:  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Tabela\\_de\\_Cutter](https://pt.wikipedia.org/wiki/Tabela_de_Cutter).
- Wanderley M. A. (1973). *Linguagem documentária: acesso à informação aspectos do problema*. *Ciência Da Informação*, 2 (2). Disponível em WWW:  
<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/34/34>.